



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE EGAS MONIZ

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL

A QUALIDADE DA VINCULAÇÃO E AS EXPERIÊNCIAS DE VITIMAÇÃO: O SEU PAPEL NAS CRENÇAS JUVENIS FACE AO AMOR

Trabalho submetido por
Joana Isabel Coelho Seixas da Silva
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por
Doutora Ana Cristina Pestana Neves

novembro de 2014

“O amor não se manifesta no desejo de fazer amor com alguém, mas no desejo de
partilhar o sono”

Milan Kundera, *A Insustentável Leveza do Ser*

Agradecimentos

Finalmente terminou uma longa e dura etapa, por isso não posso deixar de agradecer a todos aqueles que nunca permitiram que nos piores momentos desistisse. Obrigada Pai, não, nunca será um trabalho perfeito, e tu com a tua sabedoria sabes melhor que ninguém, mas sim eu dei o meu melhor, por ti, pela mãe e por mim. Mãe, espero que com a minha luta não desistas das tuas, mesmo quando tudo teima em nos tirar as forças. Mana, para ti as palavras saberão sempre a pouco, tu és aquela que mantém os meus pés bem assentes, e tão assentes que eles já estão. É mútuo, eu sei, afinal somos tudo uma para a outra e tu és tudo para mim.

Obrigada Professora Doutora Ana Cristina Pestana Neves, que tanto “refilou” comigo e ainda assim quis continuar a ser minha orientadora, gabo-lhe a paciência! Nos momentos em que mais duvidei de mim, soube dizer-me as palavras certas, agradeço-lhe muito este capítulo não ter ficado por acabar.

Obrigada a todos os meus colegas de Mestrado, especialmente a ti Babie, a ti Romão e a ti Carlão, o que seria eu nas noites mal dormidas e sem os nossos disparates. Cada uma de vocês desempenhou um papel muito mais do que importante, estou também muito mais do que orgulhosa de vocês todas, não poderiam ter sido mais vitais neste processo.

Um agradecimento especial aos técnicos Tânia Nunes e Diogo Calheiros, vocês foram TOP, se não me ajudassem a “pôr tudo na linha” teria sido uma luta ainda mais difícil. A si, Sr. Diretor, a si Sra. Coordenadora e a todos os jovens do Centro Educativo, um obrigado com todo o meu coração, pelos ensinamentos, pelo crescimento e pela oportunidade.

A ti *my Love*, o meu melhor amigo, Tiago, sem ti este mundo era tão vazio, para quê repetir o que tu já tão bem sabes, és o meu braço direito e o esquerdo, és uma parte essencial de mim. Catarina e Sílvia, as minhas melhores amigas de longa data, aconteça o que acontecer, perto ou longe, pensando da mesma forma ou não, nunca deixarão de ser importantes em todas as etapas da minha vida e eu só espero que queiram o mesmo comigo.

Ao meu amor, Diogo, agradeço-te o nosso Amor “desgovernado” e o fato de partilhares o sono comigo há tanto tempo.

Rafa, contigo é tudo mais fácil. Agradeço-te um caminho que vamos continuar a caminhar e a ti dedico-te esta dissertação, és uma heroína e tenho muito orgulho naquela que eu sei que irás ser (e não, ninguém vai ser “sopeira”).

Resumo

Nesta investigação procurou-se analisar, em termos gerais, qual o papel ou efeito que a qualidade da vinculação parental e aos pares e que as experiências de vitimação possam ter sobre as crenças no amor romântico em jovens a cumprir uma medida tutelar educativa em Centro Educativo e jovens da população geral. Avaliando-se a qualidade da vinculação parental e aos pares foi aplicado o Inventory of Parent and Peer Attachment, para se avaliar as experiências de vitimação aplicou-se o Juvenile Victimization Questionnaire e para se avaliar as crenças no amor romântico aplicou-se o Romantic Beliefs Scale numa amostra total de 106 participantes do sexo masculino (34 participantes que cumprem uma medida tutelar educativa de internamento em Centro Educativo e 72 participantes da população geral). Os objetivos propostos foram analisados através da Regressão Linear Simples e Múltipla e do teste não paramétrico Mann-Whitney para a comparação de resultados entre as populações. No plano global, os resultados não foram estatisticamente significativos, contudo a qualidade da vinculação ao pai e a vitimação sexual revelaram-se como preditoras das crenças no amor romântico juvenil, bem como a qualidade da vinculação (parental e aos amigos) e o crime convencional na crença idealização.

Palavras-chave: Qualidade da Vinculação Parental e aos Pares; Experiências de Vitimação; Crenças no Amor Romântico; Adolescência

Abstract

The present research aimed to study, overall, if the attachment quality to parents and peers and the victimization experiences might affect the romantic love beliefs in youth executing a juvenile court-ordered measure and youth from the general population. The attachment quality to parents and peers was assessed by the Inventory of Parent and Peer Attachment, the victimization experiences were assessed by the Juvenile Victimization Questionnaire and the romantic love beliefs were assessed by the Romantic Beliefs Scale in a sample of 106 male participants (34 participants executing a court-ordered measure and 72 participants from the general population). The main goals were analyzed through a Simple and Multiple Linear Regression and through the non-parametric Mann-Whitney test for results comparison between the two populations. However the main results weren't statistically significant, some variables revealed to be significant predictors of the juvenile romantic love beliefs, like the attachment quality to the father and the sexual victimization, on the other hand the attachment quality to parents and peers and the conventional crime were also significant for the idealization belief.

Keywords: Attachment Quality to Parents and Peers; Victimization Experiences; Romantic Love Beliefs; Adolescence

Índice	
Introdução	9
Revisão de Literatura	11
O Amor	11
Crenças no amor romântico	13
Os relacionamentos românticos na adolescência	15
A Qualidade da Vinculação e o Amor	18
A qualidade da vinculação aos pares e o amor	23
As Experiências de Vitimação e o Amor	26
A Relação entre a Qualidade da Vinculação, as Experiências de Vitimação e o Amor: A Presente Investigação	30
A delinquência juvenil e a sua relação com a qualidade da vinculação, experiências de vitimação e o amor	32
Objetivos da presente investigação	37
Método	39
Participantes	39
Jovens a cumprir uma medida tutelar educativa em Centro Educativo	39
Jovens da população geral	39
Instrumentos	39
<i>Juvenile Victimization Questionnaire</i>	40
<i>Inventory of Parent and Peer Attachment</i>	41
<i>Romantic Beliefs Scale</i>	43
Procedimento	44
Resultados	46
Discussão	52
Conclusão	58
Referências	60

Índice de Tabelas

Tabela 1. Correlações entre as Pontuações dos Instrumentos JVQ, IPPA e RBS	47
Tabela 2. Correlações entre as Pontuações obtidas nos Módulos do JVQ e as Subescalas do IPPA e RBS	47
Tabela 3. Análise da Qualidade da Vinculação e das Experiências de Vitimação sobre as Crenças face ao Amor Juvenil	49
Tabela 4. Análise da Qualidade da Vinculação e das Experiências de Vitimação sobre a Crença Romântica “Idealização”	50

Introdução

A adolescência é um período de desenvolvimento marcado pela dúvida e insegurança acerca da identidade de cada um. Essa mesma identidade sofre alterações especialmente porque neste período o adolescente/jovem preocupa-se fundamentalmente com duas dimensões – a **amizade** e o **amor**, sendo que é no desenrolar de interações entre amigos e parceiros íntimos que se iniciam as suas primeiras experiências de vida relevantes para uma contínua construção da personalidade. Experimentando comportamentos desconhecidos, estas vivências constituem-se como um dos momentos de aprendizagem de novas competências pessoais e sociais (Furman & Simon, 1999), para além de sentimentos de companheirismo, intimidade e entreajuda (para uma revisão completa consultar Feiring & Furman, 2000).

Especificamente, na base de relacionamentos de intimidade juvenil inseguros e até violentos poderão estar associadas experiências de vitimação e também estilos de vinculação inseguros. Por isso, abrangendo a vitimação um amplo espectro de comportamentos dirigidos à vítima (e.g. maltrato infantil, violência sexual, exposição e testemunho de violência indireta, entre outros (Finkelhor, Hamby, Ormrod, & Turner, 2005), é expectável que estas ofensas passadas possam alterar o curso do desenvolvimento das próprias experiências românticas (Feiring & Furman, 2000).

Por outro lado, não é pouco usual os indivíduos descreverem a qualidade dos seus relacionamentos românticos enfatizando o impacto das primeiras experiências com os cuidadores (Feeney, 1999), e no que concerne a este tipo de relações, parte-se do pressuposto de que o estabelecimento de uma ligação amorosa preencherá as funções de uma vinculação outrora desempenhadas pelas figuras parentais, criando expectativas para as relações com os outros e determinando estratégias de regulação emocional perante relações de proximidade (Matos & Costa, 2006).

Neste sentido, espera-se que os indivíduos seguros, os quais receberam uma atenção responsiva, sejam capazes de lidar com sentimentos negativos de um modo relativamente construtivo através do reconhecimento da dificuldade e procurando apoio nos outros (Feeney, 1999), e tendo a vinculação sido reconceptualizada para incluir todos os relacionamentos significativos durante o curso de vida, abrangendo aqueles com os pares e parceiros românticos (e.g. Armsden & Greenberg, 1987; Hazan & Shaver, 1987), sublinha-se a importância do papel da vinculação aos pares, pois os pares têm a capacidade de apoiar e encorajar desafios promotores do crescimento

(Weiss, 1982, citado por Armsden & Greenberg, 1987), além de se correlacionar com a felicidade e satisfação com a vida (Pinto, 2009).

A presente investigação visa, então, analisar se as experiências de vitimação e a qualidade da vinculação (parental e aos pares) podem afetar as crenças face ao amor juvenil, procurando perceber se existem diferenças entre uma população normativa e uma população delinquente, na medida em que se trata de uma temática pouco explorada, especialmente no que diz respeito a crenças na adolescência. O que pode distinguir os adolescentes e jovens que se acomodam às mudanças com sucesso daqueles não conseguem é a qualidade dos relacionamentos estabelecidos tanto com os progenitores como com os amigos (Laible, Carlo, & Raffaelli, 2000), juntando-se o fato de determinadas ofensas podem causar um impacto traumático ao nível psicológico e emocional (Dignan, 2005).

O Amor

O amor romântico é considerado o sentimento mais profundo e significativo, é experienciado pelo menos uma vez na vida pela maioria dos indivíduos, ocupa uma posição proeminente na literatura (Rubin, 1970), e é tido para alguns como fazendo parte da nossa cultura universal (Berscheid, 2010).

A palavra “amor” serve propósitos diversos e acarreta diferentes significados, direcionando-se sempre para um alvo e desenvolvendo-se dentro da dinâmica de um relacionamento (e.g. amor maternal) (Berscheid, 2010), o qual, por sua vez, contém também uma série de relações nominais (e.g. romântica, parental, de amizade, no local de trabalho, entre vizinhos) (Reis, Collins, & Berscheid, 2000). Assim, um pouco à semelhança das amizades, os relacionamentos românticos constam de interações voluntárias mutualmente reconhecidas, não apenas identificadas por um dos membros do par (Collins, 2003).

Alguns autores preferem pensar o amor como um constructo atitudinal e outros como uma emoção, o certo é que a evolução da sua conceptualização passou pelo desenvolvimento de técnicas psicométricas que o procuraram medir e melhor compreender, produzindo uma taxonomia através da identificação das dimensões subjacentes às descrições das experiências individuais (Berscheid, 2010).

Tome-se o exemplo de Rubin (1970), que assumiu a noção de amor como uma atitude de alguém direcionada para outro alguém, envolvendo disposições para pensar, sentir, e comportar de certa forma, daqui surgindo a Escala de Amor (*Love Scale*), a qual valida-o como um constructo social e psicológico, permitindo repensar futuros estudos que distinguissem padrões de relacionamentos românticos e ainda diferenciar entre o que possa ser o “amor” e “gostar”, bem como medi-los como um elo entre os níveis de análise individuais e socio-estruturais do comportamento social.

Continuando na ideia de constructo atitudinal, outra escala amplamente utilizada é a Escala de Atitudes face ao Amor (*Love Attitudes Scale*, LAS) de Hendrick e Hendrick (1986, citado por Hendrick, Hendrick, & Dicke, 1998), fundada na teoria das cores (ou estilos) do amor (*The Colors of Love Theory*) de Lee (1973, citado por Hendrick, Hendrick, & Dickie, 1998), com o propósito de medir seis estilos de amor: *eros*, *ludus*, *storge*, *pragma*, *mania*, e *agape*. Embora redesenhado para uma análise das especificidades de um relacionamento romântico, por oposição a atitudes generalistas acerca do amor, tanto a utilização da versão mais longa como da versão mais curta têm

a virtude de ser testadas durante anos, adequando-se perfeitamente às necessidades das diferentes investigações (Hendrick, Hendrick, & Dicke, 1988).

Esta teoria baseia-se na analogia da roda das cores (*color wheel*), e de acordo com esta tipologia existem três estilos de amor primários (eros, ludus, storge) e três estilos de amor secundários (mania, pragma, agape): eros é um amor romântico e apaixonado, ludus é um amor lúdico (*game-playing love*), e storge um amor alicerçado pela amizade; mesclando-se os estilos primários originam-se os secundários, logo mania é um amor possessivo e dependente (uma fusão entre eros e ludus), pragma um amor lógico (uma fusão entre ludus e storge), e agape é um amor altruísta (uma fusão entre storge e eros) (Feeney & Noller, 1996).

Outro importante autor que contribuiu para a definição e medição do amor é Sternberg (1986, 1997) com a teoria do amor triangular (*Triangular Theory of Love*), em que o amor compreende três componentes: a intimidade, a paixão, e a decisão/compromisso, com o propósito de interagir entre si, formando oito tipos de experiências românticas. A primeira componente – a intimidade – abarca sentimentos de proximidade, conexão e vinculação; a segunda componente – a paixão – abrange os desejos (*drives*) que desencadeiam o romance, atracção física e a consumação sexual; e a terceira componente – a decisão/compromisso – assenta, a curto prazo, na decisão de que alguém ama outro, e a longo prazo, o compromisso de manutenção desse amor. Desta interação podem resultar relacionamentos “sem amor” (*non-love*), de “simpatia/afeição” (*liking*), “apaixonados” (*infatuated love*), “vazios” (*empty love*), “românticos” (*romantic love*), de “companheirismo” (*companionate love*), “fátuos” (*fatuous love*), e “consumados/perfeitos” (*consummate love*), ou o único tipo de amor completo, que agrega todas as componentes.

Finalmente, com uma forma de conceptualizar o amor muito diferente do que até agora se mencionou, encontramos Hazan e Shaver (1987) e a sua análise do amor romântico adulto como um processo de vinculação, explorado com maior detalhe num outro ponto da investigação. O argumento básico desta abordagem é fundamentado numa das ideias de Bowlby (1969, 1973, 1980, citado por Feeney & Noller, 1996), a qual estabelece que os relacionamentos entre parceiros românticos e conjugues são vinculações. Globalmente, Hazan e Shaver (1987) propõem que os três principais estilos de vinculação descritos na literatura infantil (seguro, evitante, e ansioso-ambivalente) manifestam-se no amor romântico adulto.

Ainda que vários estudos apontem para diferenças multiculturais, é importante reconhecer que um indivíduo pode possuir não apenas uma abordagem ou estilos de amor, mas adotar inúmeros estilos, podendo modificá-los ao longo da sua vida ou durante o curso de determinada relação (Regan, 2008). Em suma, por muitas tentativas de tornar o amor como um só constructo, frisa-se que o impacto dos relacionamentos no comportamento e desenvolvimento trata-se de um campo escasso e fragmentado, contudo algumas conclusões sugerem que o contexto destes influencia fortemente o comportamento humano e o desenvolvimento durante a vida (Reis, Collins, & Berscheid, 2000).

Crenças no amor romântico.

Muitas crenças sociais são acompanhadas de fortes sentimentos, muitas vezes não olhando o mundo somente através dos nossos próprios olhos, mas através dos olhos dos outros (Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2011). Como resultado, quando se iniciam relacionamentos de cariz romântico, os indivíduos têm para si crenças sobre como estes deverão ser, que características ou traços os tornam satisfatórios ou recompensadores, que regras devem guiar os comportamentos relacionais do parceiro, pois quando um relacionamento é considerado ou apresenta o potencial para ser romântico, as expectativas e crenças subsequentes que constituem o “ideal romântico” ficam salientes (Sprecher & Metts, 1999).

Estas ideologias do romântico foram descritas por Lantz, Britton, Schmitt e Snyder (1968, citado por Sprecher & Metts, 1989) numa tipologia do “ideal do amor romântico”, composta por cinco crenças acerca do amor: “o amor verdadeiro pode sentir-se sem que exista uma interação prévia”; “apenas podemos amar verdadeiramente uma única pessoa”; “o amor verdadeiro consegue ultrapassar qualquer obstáculo”; “o amor verdadeiro será perfeito”; e “devemos seguir os nossos sentimentos e basear a nossa escolha de um parceiro no amor ao invés de outras considerações mais racionais”.

A par destes ideais, na sociedade ocidental, a ideologia do romantismo é uma forma de integrar as necessidades de proximidade psicológica e sexuais (D’Emilio & Friedman, 1988, citado por Montgomery, 1992), não deixando por isso de constituir crenças no amor romântico neste tipo de sociedade a crença de que existe um amor verdadeiro para todos, ou que o verdadeiro amor leva à conquista da felicidade, ou até que não existe nada mais importante do que o amor (Weaver & Ganong, 2004).

Em Portugal, um estudo de Saavedra, Nogueira e Magalhães (2010), no âmbito das perceções e crenças associadas às relações sexuais e amorosas em jovens adolescentes, reforça a ideia de que a vida amorosa dos jovens rapazes é vivenciada exclusivamente em torno do prazer físico e da sexualidade, com exclusão dos sentimentos, ao passo que as jovens raparigas orientam as suas relações amorosas e sexuais com base na expressão afetiva e sentimental.

Uma investigação realizada por Montgomery (1992), em particular com uma amostra na pré-adolescência e adolescência, concluiu que os adolescentes com uma menor experiência romântica (*dating experience*) teriam atitudes face ao amor menos consolidadas do que aqueles com maior experiência romântica, adicionalmente os últimos seriam mais apaixonados e devotos (*self-giving*), acreditando mais que é possível o amor ultrapassar qualquer obstáculo, logo as crenças nos relacionamentos estão mais fortemente relacionadas com a experiência romântica e maturidade psicossocial.

Quanto às cognições de adolescentes mais jovens, também Connolly, Craig, Goldberg e Pepler (1999) se propuseram a explorar as conceções dos adolescentes quanto às amizades entre sexos diferentes (*cross-sex friendships*) e relacionamentos românticos, dos 9 aos 14 anos de idade, caracterizando as relações românticas em termos da paixão e compromisso e as amizades entre sexos diferentes em termos de afiliação, conceções estas consistentes com as crenças e perceções dos adultos, sugerindo-se uma base cultural partilhada nestas duas temáticas.

Passando para uma amostra universitária, cuja média de idades é de 20 anos, Sprecher e Metts (1999) ao aplicar principalmente o *Romantic Beliefs Scale* (RBS), entre outros, concluíram que em geral crenças de casais mais positivas acerca dos relacionamentos estariam associadas a sentimentos e experiências positivas (amor, satisfação, compromisso), por outro lado a crença no ideal de amor romântico tenderá a declinar tanto para homens e mulheres com o passar do tempo, substituindo-se por avaliações mais realistas e moderadoras o otimismo inicial, não se refletindo, por isso, na dissatisfação do relacionamento em questão. Porém, não deixa de existir uma ligação entre as crenças românticas e o amor em si, estando igualmente associadas ao amor pelo parceiro, satisfação relacional e compromisso (Sprecher & Metts, 1989, 1999), e com os estilos de amor (Hendrick & Hendrick, 1986, citado por Weaver & Ganong, 2004).

De acordo com Fletcher, Simpson, Thomas e Giles (1999), os ideais de um relacionamento íntimo ou romântico e do próprio(a) parceiro(a) podem ser estudados do

ponto de vista da abordagem sociocognitiva e da perspectiva evolucionária. Na abordagem sociocognitiva, os ideais de um relacionamento e do(a) parceiro(a) incluem estruturas acessíveis de conhecimento que precedem e relacionam-se causalmente com os julgamentos e tomada de decisões nas presentes relações, assim estes ideais que constam destas estruturas de conhecimento estão localizadas no “nicho” cognitivo adequado para influenciar a subsequente cognição do relacionamento presente e comportamento; a perspectiva evolucionária sugere que pelo menos dois ou três dimensões relativamente estáveis e semi-independentes subjazem as concepções do(a) parceiro(a) ideal, sendo que a estrutura e conteúdo destes ideais deverão estar representados tanto na linguagem como nos constructos cognitivos leigos.

Da investigação de Fletcher e colaboradores (1999) os resultados revelaram que a qualidade do ideal do(a) parceiro(a) é representada por três fatores – calor e confiança (*partner warmth-trustworthiness*) deste(a), vitalidade e atratividade, e o estatuto e recursos – ao passo que a qualidade do ideal de relacionamento é representada por dois fatores – intimidade e lealdade, e paixão.

Pese embora estas crenças no amor romântico e ideal possam constituir-se um tanto ou quanto utópicas, a experiência de um relacionamento próximo, íntimo e ternurento proporcionará uma estabilidade emocional e física numa base regular, por isso a intimidade, reflectida no amor apaixonado e “companheiro”, e na satisfação sexual, terá efeitos benéficos ao nível da satisfação com os seus próprios relacionamentos íntimos tanto para os homens como para as mulheres, e estará correlacionada positivamente com a saúde mental e física (Traupmann & Hatfield, 1981).

Os Relacionamentos Românticos na Adolescência

Os relacionamentos românticos têm atraído o interesse popular, todavia, até recentemente, pouca curiosidade científica, até porque alguns mitos lhes estão associados, correndo o risco destas experiências juvenis caírem na negligência (Collins, 2003; Furman & Wehner, 1994). Por exemplo, assume-se frequentemente que este tipo de relações são somente triviais e transitórias, no entanto as evidências empíricas indicam o contrário, isto é, que estas mesmas relações são significantes ao nível do funcionamento do adolescente e de resultados a longo prazo (Collins, 2003).

O namoro e o estabelecimento de relações românticas representam uma transição para a idade adulta e, para muitos adolescentes, são manifestações do estado adulto (Pinto, 2009). Veja-se Levesque (1993), cujos resultados reportaram que as impressões das relações românticas aos 17 anos de idade apresentam semelhanças impressionantes com as impressões adultas no que diz respeito ao compromisso, comunicação, companheirismo, e paixão. Como tal, à semelhança dos relacionamentos adultos, a qualidade e o conteúdo pode variar substancialmente e os efeitos específicos destas experiências no desenvolvimento psicossocial dependerão das particularidades das mesmas (Furman & Collins, 2007).

Collins (2003) propõe cinco características delineadoras das experiências românticas na adolescência, nomeadamente o envolvimento (se estão a namorar, idade do início do namoro, frequência e consistência, e duração), a selecção do parceiro, e o conteúdo (partilha de actividades ou como passam o seu tempo juntos), a qualidade (grau pelo qual a relação fornece experiências benéficas), e os processos cognitivos e emocionais (percepções, expectativas, esquemas e atribuições face ao próprio, parceiro(a) e relação), tendo em conta o contexto, as variações na idade, e as diferenças individuais.

Também algumas teorias procuraram servir de guias para futuras investigações no campo da intimidade juvenil, entre as quais a conceptualização do amor adulto como um processo de vinculação de Hazan e Shaver (1987), anteriormente mencionada, a abordagem de Sullivan (1953, citado por Furman & Wehner, 1994), dos sistemas comportamentais, e o interaccionismo simbólico (Furman & Collins, 2007).

O central da abordagem “sullivaniana” é a noção das necessidades sociais motivadoras de determinadas situações interpessoais, uma vez obtidas diminuíram as tensões afetivas desagradáveis e promoveriam estados emocionais positivos, identificando a ternura, companheirismo, aceitação, intimidade, e sexualidade (Furman & Wehner, 1994), pelo que cada necessidade é associada a uma relação chave que a completa (Furman & Collins, 2007). Por outras palavras, numa hierarquia, a “ternura” e o “companheirismo” estendem-se durante a infância em que a relação relevante mantém-se com os progenitores, na medida em que servem dois propósitos fundamentais - o fornecimento da segurança e uma oportunidade para a camaradagem; a “aceitação” desenrola-se durante o período juvenil, modificando-se o objecto relacional para os pares; a “intimidade” ocorre durante a pré-adolescência, emergindo pelo desejo de viver o amor e evitar a solidão, estabelecendo-se um novo tipo de relacionamento –

chumships (servem de base para o estabelecimento de relacionamentos íntimos com parceiros românticos); a “sexualidade” é vivida durante o princípio da adolescência (12-16 anos), nascendo o interesse pela intimidade com um parceiro sexual (Furman & Wehner, 1994). Finalmente, a tarefa do final da adolescência é a evolução para um compromisso relacional (Furman & Collins, 2007).

A abordagem dos sistemas comportamentais, de Furman e Wehner (1994, 1997), trata-se de uma integração dos *insights* postulados pelas teorias da vinculação tradicional e adulta, e sullivaniana, postulando que um parceiro romântico pode-se tornar uma figura principal no funcionamento dos sistemas comportamentais de vinculação, de cuidado/zelo (*caretaking*), de afiliação, e sexuais, sendo que a maior parte destas funções não se direccionam para as relações amorosas. Não obstante, na adolescência existem outras figuras nas suas redes sociais que servem propósitos vinculação, de parceiros filiativos, ou indivíduos a quem prestam cuidados, organizadas hierarquicamente de acordo com o seu grau de importância e esperando-se que um parceiro romântico se torne parte desta hierarquia e suba na cadeia de importância à medida que o relacionamento se constrói (Furman & Wehner, 1997).

Por fim, o interaccionismo simbólico apoia-se na ideia simples de que os significados das experiências românticas emergem da interação e comunicação dentro do contexto romântico que altera significativamente ou suplanta as relações desenvolvidas através das interações com os pares (Giordano, Manning, & Longmore, 2006).

O contributo de Furman (1999) na compreensão das relações românticas na adolescência através do papel dos pares é igualmente fundamental mencionar, descrevendo aquilo a chama de sistema afiliativo (*affiliative system*), o que fornece oportunidades sociais e que desenvolve competências afiliativas durante as amizades continuam para as relações românticas, uma vez que o indivíduo está biologicamente predisposto para se afiliar aos outros.

Salienta-se que os adolescentes referem-se às experiências românticas como responsáveis por grande parte das suas emoções mais fortes, sejam estas positivas ou negativas, porém devem ser incentivadas, dado permitem trabalhar determinados aspectos individuais – autonomia emocional ou independência, a formação da identidade, de um autoconceito romântico (i.e. como se veem dentro das relações românticas), e a exploração de uma identidade sexual – simultaneamente construir competências que os acompanharão enquanto adultos – de regulação das emoções

fortes, de comunicação e interpessoais (e.g. de negociação, dado o envolvimento em mais conflitos intensos do que as amizades), e de intimidade, podendo aprender a cuidar de um relacionamento, pelo que esta aptidão se revelará de extrema importância para um ajustamento saudável na idade adulta (Scanlan, Bailey, & Parker, 2012).

A Qualidade da Vinculação e o Amor

A formulação de uma teoria da vinculação surge no contexto da Segunda Guerra Mundial, devido às questões da perda e da separação na criança aliada às repercussões no seu desenvolvimento (Guendenev & Guendenev, 2002), suscitando, em diversos autores, a curiosidade em explorar a forma como as experiências precoces com os cuidadores primários são absorvidas pela criança e como se organizam no seu mundo interno (Stiefel, Harris, & Rohan, 1998).

Bowlby (2002) aprimorou esta teoria salientando que a diferença no seu trabalho deve-se à observação de como uma criança muito nova se comporta em relação à sua progenitora, tanto na sua presença e especialmente na sua ausência, contribuindo largamente para o desenvolvimento da personalidade. A vinculação traduz-se num laço afectivo que um indivíduo (ou animal) forma com outro indivíduo específico, sendo discriminatório (Ainsworth, 1969) e os relacionamentos vinculativos que se mantêm após o período de infância têm um importante papel no ajustamento global de um indivíduo (e.g. Ainsworth, 1985), em particular no seu desenvolvimento social, pelo que o primeiro vínculo humano se estabelece com a figura do cuidador, considerado assim a base fulcral de todas as relações posteriores com os outros (Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2011).

É possível desenvolver-se uma vinculação segura a um cuidador e insegura a um segundo cuidador (Fox, Kimmerly, & Schafer, 1991), como tal os progenitores ou cuidadores que ofereçam uma “base segura” e harmoniosa tendem a educar crianças psicologicamente saudáveis, permitindo o estabelecimento de relações igualmente estáveis, empatias e a modulação das suas emoções mais extremas sem a perda de controlo na idade adulta (Ansbro, 2008), por sua vez uma vinculação insegura a estas figuras afetará o grau da transferência da vinculação e a qualidade de novas vinculações (Welch & Houser, 2010).

Com o desenrolar desta teoria surgiu a temática dos estilos de vinculação, os quais podem variar de autores para autores, no entanto o consenso é relativos àqueles

que distinguem por “seguro”, “evitante”, “ansioso” ou “ambivalente” (Ward, Hudson, Marshall, & Siegert, 1995). Neste seguimento, da reconhecida experiência “Situação Estranha” emergiram estes três estilos de vinculação: seguro, caracterizado pela procura ativa de proximidade e interação com a figura de vinculação; inseguro-evitante, primando por comportamentos de evitamento, ignorando ou afastando-se; inseguro-resistente/ambivalente, caracterizado pela coexistência de comportamentos de resistência ativa ao contato e em simultâneo de procura de contato (Soares, Martins, & Tereno, 2009). Esta organização comportamental que define estes estilos relaciona-se com a quantidade de interação entre a mãe e a criança e com a sensibilidade e responsividade quanto às necessidades e sinais da criança (Feeney & Noller, 1996).

De outra forma, George, Kaplan e Main (1984, 1985, 1996) através da elaboração de uma entrevista biográfica e de tipo clínico (*Adult Attachment Interview* – AAI), a qual abriu novas perspetivas para a avaliação e compreensão da vinculação ao longo da vida, identificando padrões de organização mental da vinculação em adultos, análogos aos padrões de organização comportamental identificados em bebés (Soares, 2009), classificaram a vinculação adulta em segura/autónoma (*secure/autonomous*); “descartante” (*dismissive*); preocupada (*preoccupied*); e desorganizada (*unresolved/disorganized*).

Neste contexto da vinculação adulta, Bartholomew e Horowitz (1991) combinaram quatro estilos de vinculação e duas valências - o modelo do self, ou a imagem abstrata do mesmo que pode ser dicotomizada como positiva ou negativa (um self digno de receber amor e apoio ou não), e o modelo do outro, ou a imagem abstrata do outro também dicotomizada como positiva ou negativa (os outros são percecionados como leais e disponíveis por oposição a desleais e rejeitantes). Estes serão os estilos seguro (*secure*), preocupado (*preoccupied*), receoso-evitante (*fearful-avoidant*), e “descartante-evitante” (*dismissive-avoidant*).

O foco central desta teoria tem que ver então com as expectativas acerca da disponibilidade e responsividade das figuras de vinculação, incorporadas em modelos internos (*working models*), os quais refletem as memórias e crenças desenvolvidas nas experiências precoces com o cuidador e que são transportadas para novos relacionamentos, guiando perceções e comportamentos (Feeney & Noller, 1996).

Da díade cuidador-criança, estas acumulam informação suficiente relativa à prontidão, qualidade e segurança das respostas dos outros e por volta do final do primeiro ano de vida, são formadas representações específicas acerca dos cuidadores,

self e natureza dos relacionamentos (Gervai, 2009), deste modo os indivíduos seguros tendem a recordar os seus progenitores como calorosos e afetuosos, os indivíduos evitantes recordam as suas mães como frias e rejeitantes, e os indivíduos ambivalentes recordam os seus pais como injustos, por exemplo (Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Assim sendo, a interação com a mãe e com o pai é diferente, variando o grau de sensibilidade e responsividade para com a criança, logo se ambos os progenitores forem sensíveis e responsivos aos sinais da criança, é expectável que o grau de identificação para com estes seja maior (Fox, Kimmerly, & Schafer, 1991).

A grande reorganização destas relações ocorre durante a adolescência, em que a vinculação parental é renunciada em prol da formação de novos laços afetivos com os pares, e o sucesso na criação de novas relações de apoio são influenciadas pelos padrões comportamentais de vinculação e crenças acerca da vinculação transportados através da história da vinculação parental (West, Rose, Spreng, Sheldon-Keller, & Adam, 1998).

Recapitulando, a ideia de que os processos vinculativos operam durante o percurso de vida do ser humano permitiu abrir caminho para o estudo da vinculação aplicada aos relacionamentos adultos (Pietromonaco & Barrett, 2000), uma vez que embora a teoria fosse originalmente direcionada apenas para o laço entre o cuidador (ou a mãe) e a criança, também se tornou útil para a definição da vinculação estendida a outras figuras (Wilson, 2001).

Sabendo-se que os parceiros românticos podem similarmente ter o papel de figuras de vinculação, assume-se a noção de que o amor romântico nos jovens adolescentes e adultos pode derivar do modo como as crianças se tornam vinculadas aos primeiros cuidadores (Pinto, 2009). Veja-se Harlow (1958) que antes de mais reconheceu o amor como o “motivo que permeia as nossas vidas” (pg. 673) e compreendeu que da vinculação íntima entre a criança e a progenitora são formadas múltiplas respostas afetivas, características do amor ou afeição no adulto, argumentando, nas palavras de Vicedo (2009) que o cuidado maternal durante a infância é essencial para a sua adaptação sexual e saúde mental.

Uma vez mais se deve ressaltar que uma criança que perceciona a sua relação com o cuidador como adequada às suas necessidades, esta cria uma imagem de si como alguém que é merecedor de amor e atenção, assim como de um cuidador responsivo e confiável, pelo contrário se estas necessidades não forem satisfeitas, a sua imagem é a de alguém ineficaz e do outro como indisponível (Ainsworth et al., 1978), logo as primeiras experiências podem moldar as representações da vinculação, servindo de

modelos mentais prototípicos de relacionamentos de vinculação, que por sua vez influenciam os padrões de vinculação adulta com os pares e até com os parceiros românticos (Zayas, Mischel, Shoda, & Aber, 2011).

Desta premissa, novamente o estudo longitudinal de Zayas e colaboradores (2011) permitiu concluir ainda que a qualidade do cuidado maternal não é somente limitada ao primeiro relacionamento vincutivo, estendendo-se a outro tipo de relacionamentos, fornecendo um importante suporte empírico na predição de padrões de vinculação adultos tanto com pares como com parceiros românticos, explicando-se a origem de comportamentos de evitamento (i.e. mal-estar em depender de figuras de vinculação) e de ansiedade (i.e. preocupações quanto à rejeição e abandono).

A ideia-chave a respeito do estabelecimento de relacionamentos com outros parceiros sociais ou grupos partiu sobretudo desta díade mãe-criança (Brown, Feiring, & Furman, 1999), recorde-se contudo que não se deve descuidar do valor do papel do progenitor, dado que também ele consegue ser um excelente cuidador (Ainsworth, 1985), e de acordo com as experiências do projeto *Minnesota Parent-Child*, nas quais 190 recém-nascidos foram estudados desde o primeiro trimestre durante a gravidez das progenitoras até aos 26 anos de idade, os resultados indicaram que o historial relacional entre pai e filho durante a infância e princípio da adolescência predizem significativamente a estabilidade e qualidade dos relacionamentos românticos na adolescência e juventude (Collins & Sroufe, 1999).

Até aqui foram expostos os princípios da psicologia do desenvolvimento e da literatura sobre a vinculação infantil relativamente ao amor e ao estabelecimento de relacionamentos românticos saudáveis e seguros. Se por um lado a psicologia do desenvolvimento se centra exclusivamente no papel dos cuidadores, por outro lado a psicologia da personalidade foca-se principalmente nos padrões da vinculação adulta aos pares e aos parceiros românticos (Zayas et al., 2011).

A vinculação adulta postula que a construção dos laços de vinculação entre os parceiros românticos, e em menor extensão aos pares, é semelhante àqueles construídos entre a criança e o cuidador (Zayas et al., 2011). Os percursos desta temática serão os já conhecidos Hazan e Shaver (1987), sustentando, grosso modo, que os estilos de vinculação podem afetar a qualidade das experiências românticas e as crenças nos relacionamentos, aplicando o sistema de vinculação infantil (estilos seguro, evitante, e ansioso/ambivalente) ao estudo do amor romântico. Apesar das semelhanças à literatura infantil, nesta teoria o amor romântico traduz-se num cuidado recíproco (ao passo que a

relação entre o cuidador e a criança é meramente assimétrica) que envolve três sistemas comportamentais: a vinculação, o cuidado (*caregiving*) e a sexualidade (Shaver & Hazan, 1988, citado por Feeney & Noller, 1996).

Apesar do reconhecimento das limitações do seu estudo inicial, devido à simplicidade da metodologia utilizada (Feeney, 1999), através dos seus objetivos principais exploraram a frequência destes três estilos, comuns tanto na idade adulta como na infância (mais de metade descreveu-se como segura, seguindo de evitante e em menor porção de ansiosa/ambivalente), avaliaram que as muitas experiências amorosas se distribuem diferentemente para cada estilo, indicaram que os modelos internos do self e relacionamentos aglomeram crenças distintas sobre o curso do amor romântico, da disponibilidade e confiabilidade dos seus parceiros, e da sua própria perceção de que seja merecedora de amor (Hazan & Shaver, 1987). Na sua generalidade, estes resultados fundamentam a teoria da vinculação aplicada ao amor romântico adulto (Hazan & Shaver, 1987), em que o amor integra uma abordagem desenvolvimental como fazendo parte da ligação afetiva e explicando formas de amar saudáveis e não saudáveis através dos mesmos princípios gerais (Feeney & Noller, 1996).

Com base nesta abordagem, menciona-se um estudo de Apostolidou (2006), direcionado para a vinculação separada com a mãe e o pai, o qual aplica o princípio de que os indivíduos exibirão consistência entre os padrões de vinculação na infância e os estilos de vinculação romântica na idade adulta, sendo o seu principal intuito o de estudar se os estilos de vinculação romântica refletem as experiências precoces com os progenitores. Em termos gerais, os resultados deste estudo evidenciaram que as experiências durante a infância com ambos os progenitores estão relacionadas com os sentimentos desenvolvidos nas relações de intimidade durante a fase adulta, sublinhando que a confiança de uma criança adquirida nos seus primeiros relacionamentos determina crenças e expectativas que poderão servir como diretrizes para relacionamentos futuros (Apostolidou, 2006).

Se partirmos do pressuposto que os relacionamentos românticos adultos podem servir funções semelhantes àsquelas que servem os relacionamentos entre pai e filho, especialmente no sentido da procura de proximidade, tanto o progenitor como o parceiro romântico funcionarão como fonte de segurança, como tal quando uma experiência de desconforto é sentida, estes serão os primeiros a ser procurados, e o mesmo princípio se aplica à exploração do meio ambiente ou de assumir novos

desafios, assim como à reação da separação ou potenciais ameaças ao relacionamento, ou até mesmo à perda física de um dos dois (Furman & Simon, 1999).

Posto isto, se um indivíduo tem uma representação segura da sua vinculação parental, sentir-se-á confortável em recorrer ao seu parceiro romântico nos momentos difíceis, mas para alguém que tenha uma representação de uma vinculação parental evitante, já se sentirá relutante em depender do parceiro romântico, e por fim um indivíduo ansioso/ambivalente sentir-se-á incerto quanto à disponibilidade do parceiro romântico, por isso terá maior dificuldade em ser confortado pelo mesmo (Hazan & Shaver, 1987), consequentemente, uma vinculação segura permite abordar outro tipo de relacionamentos na base da proximidade e intimidade (Furman & Simon, 1999).

A qualidade da vinculação aos pares e o amor.

O papel dos pares pode ser até mais forte do que o dos progenitores, professores, ou dos *media*, dado que nestas relações estão envolvidos padrões característicos únicos, existindo uma proximidade e compromisso com os pares necessários ao processo de desenvolvimento das competências sociais (Sugiyanto, 2011).

O processo de individualização da família, a formação de uma identidade pessoal, a exploração da sexualidade, o conformismo às expectativas educacionais e de carreira ocorrem quando o adolescente aprende como relacionar-se com os pares e com os relacionamentos íntimos fora do círculo familiar (Wilkinson, 2010). Durante o período de adolescência, os pares, incluindo-se os amigos e os parceiros românticos, podem ser considerados figuras de vinculação, na medida em que complementam as funções de vinculação outrora prestadas pelos progenitores, desempenhando uma influência diferencial no funcionamento adolescente (Nelis & Rae, 2009).

Relacionamentos vinculativos seguros durante a infância permitirão um maior desenvolvimento da regulação emocional adaptativa, por isso a qualidade da vinculação aos pares tenderá a influenciar nesse sentido (Allen & Miga, 2010). À medida que os relacionamentos com os progenitores se transformam e aqueles com os pares ganham importância, os padrões de vinculação podem alterar-se também (Gorrese & Ruggieri, 2012), não obstante deve ter-se em consideração que quando inseguramente vinculadas, as crianças que evitam as interações com os pares perdem a oportunidade para

desenvolver as tais competências sociais e relacionamentos positivos (Dwyer, Fredstrom, Rubin, Booth-LaForce, Rose-Krasnor, & Burgess, 2010).

Através destas relações sociais é possível experimentar uma valorização do “eu” e promover sentimentos de orgulho, auto-estima e auto-aceitação (Pinto, 2009). Ainda que tanto a vinculação aos progenitores como aos pares sirva funções de ajustamento, os resultados de investigações sugerem que a vinculação aos últimos possa ser mais influente do que a primeira durante a adolescência (Rubin, Dwyer, Booth-LaForce, Kim, Burgess, & Rose-Krasnor, 2004). Neste sentido Laible, Carlo e Raffaelli (2000), ao utilizar um de instrumento de vinculação parental e aos pares – *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987) – concluíram que os adolescentes com uma vinculação segura aos progenitores e aos pares estariam melhor ajustados (i.e. menos agressivos, depressivos, e mais compreensivos), ademais os adolescentes mais seguramente vinculados aos pares do que aos progenitores também estariam melhor ajustados.

Enquanto figuras de vinculação, os relacionamentos com os pares ganham uma profundidade maior, criando desafios emocionais significativos (Allen & Miga, 2010). Para alguns autores a lógica da teoria da vinculação parental é a de que as funções primárias da vinculação (manutenção da proximidade, porto seguro, base segura) sejam gradualmente transferidas sequencialmente dos progenitores para os pares e para os parceiros românticos à medida que de adolescentes passam a adultos (e.g. Hazan & Shaver, 1994), não deixando os progenitores de continuar a exercer as suas funções de orientação e apoio (Connolly & Johnson, 1996).

Correlacionando a qualidade do relacionamento parental e os padrões de vinculação aos pares e aos parceiros românticos, Caron, Lafontaine, Bureau, Levesque e Johnson (2012), aplicando também o IPPA (Armsden & Greenberg, 1987), entre outros, confirmaram que os participantes possuem padrões distintos e únicos de vinculação por cada tipo de relação, não experienciando uma orientação geral única de vinculação, contribuindo estes relacionamentos diferentemente para o seu bem-estar psicológico e funcionamento a dois.

Em concreto, Harlow (1963, citado por Vicedo, 2009), investigando o comportamento dos primatas *rhesus*, cedo reconheceu que as progenitoras facilitariam a interação entre os seus filhos e os pares, constituindo uma importante função sua a de estabelecer a ponte com o mundo dos amigos, elaborando uma conceção do desenvolvimento infantil que inclui um universo mais rico e um conceito mais

complexo acerca do amor, partindo para uma noção de múltiplos sistemas afetivos: afeição entre a criança e a progenitora, entre os pares (crianças ou jovens), entre indivíduos heterossexuais, entre somente a progenitora pela criança e somente o progenitor pela criança (Harlow, 1964b, citado por Vicedo, 2009).

Os progenitores facilitam a interação com os pares, porém para que os relacionamentos de intimidade entre os adolescentes realmente surjam, Connolly e Johnson (1996) sugerem que quando integrados numa rede alargada de pares, com vários amigos do sexo oposto, encontram-se mais propensos a criarem relacionamentos românticos do que outros adolescentes, fornecendo a amizade o contexto do qual emergem componentes fundamentais das relações amorosas, e em muitos aspetos os relacionamentos românticos são um tipo especial de relacionamentos entre pares (Furman, 1999). Por seu turno, as relações românticas influenciam os relacionamentos entre pares, na medida em que os pares românticos introduzem novos membros adolescentes ao grupo e novos papéis outrora desempenhados por outros pares serão adotados (Connolly, Furman, & Konarski, 2000).

Se as representações de uma vinculação parental segura têm influência sobre as representações sobre os relacionamentos românticos, igualmente as representações dos amigos mais íntimos também o fazem (Furman, 1999), especialmente porque na generalidade as experiências com os pares moldam as cognições quanto aos relacionamentos próximos, que por sua vez influenciam as cognições relativamente aos relacionamentos românticos, particularmente no que diz respeito às expectativas acerca da reciprocidade e mutualidade (Furman & Simon, 1999). Neste seguimento, as evidências empíricas avançam que as amizades seguras são instrumentais influenciando as vinculações românticas seguras (Fraley & Davis, 1997), de outra forma as amizades inseguras podem tornar-se um fator de risco para o desenrolar de relacionamentos inseguros, à luz da conceção de vinculação como um processo de transferência (Welch & Houser, 2010).

Combinando a vinculação parental e aos pares, os resultados do estudo longitudinal de Pascuzzo, Cyr, e Moss (2013) assinalaram que uma vinculação insegura aos progenitores e aos pares na adolescência prediz um estilo de vinculação romântico ansioso e um maior uso de estratégias orientadas para as emoções, por norma negativas, na idade adulta. Realça-se, enfim, que as relações românticas podem ser condicionadas por experiências prévias de cariz romântico juntamente com aquelas vividas com os progenitores e o grupo de pares, posto que inicialmente os adolescentes pensam sobre

este tipo de relações com base nas experiências com os progenitores e grupo de pares e gradualmente as próprias experiências românticas passam a desempenhar um papel saliente (Furman & Wehner, 1994). As experiências atuais e prévias nos relacionamentos amorosos podem orientar as percepções dos adolescentes, não desfazendo daqueles que se passaram noutros contextos interpessoais (Furman & Wehner, 1994).

As Experiências de Vitimação e o Amor

A vitimação traduz-se numa relação assimétrica interpessoal que é abusiva, dolorosa, destrutiva, parasitária e injusta, dividindo-se as vítimas em “vítimas primárias” ou “diretas”, que experienciaram o ato criminal e as suas consequências em primeira mão, e “vítimas secundárias” ou “indiretas”, não imediatamente envolvidas ou fisicamente feridas nas confrontações, mas sofrendo consequências igualmente devastadoras (Karmen, 2013).

Os agentes que perpetraram crimes contra uma vítima podem ser os mais variados: figuras parentais e outros familiares diretos ou indiretos, grupos de pares, conhecidos e desconhecidos, e ainda parceiros românticos. Tome-se o exemplo do maltrato infantil, cuja conceptualização atual engloba tanto repercussões físicas como um vasto leque de agressões psicológicas e emocionais, correspondendo a um alargamento não apenas do visível, mas sobretudo do invisível (Azevedo & Maia, 2006). Esta forma particular de violência (Alberto, 2006) pode envolver direta e indiretamente a criança enquanto vítima, como acontece na violência interparental, na qual está exposta à violência do casal, por norma os progenitores do menor, que se comprometem em conflitos verbais, emocionais e físicos, constituindo implicações alarmantes no desenvolvimento equilibrado deste (Sani & Almeida, 2011).

Outra forma de vitimação com consequências devastadoras é a violência sexual, um exemplo de que pode ocorrer ou num ambiente intrafamiliar – quando existe relação de parentesco entre a vítima e o agressor – ou extrafamiliar – quando não existe qualquer afinidade de convivência familiar entre ambos (Leal, 1999). Ainda assim, de acordo com Martins e Carvalho (2007), os casos mais frequentes de violência sexual até à adolescência são resultantes de incesto, i.e., quando o agressor mantém algum grau de parentesco com a vítima, provocando lesões psicológicas muito mais graves do que na agressão sofrida por estranhos. Este tipo de vitimação também pode ser experienciada nas próprias relações íntimas juvenis, denominada de violência no namoro (*dating*

violence ou *courtship violence*), em que a par da violência sexual, os adolescentes experimentam outras formas de abuso nas suas relações amorosas (e.g. física e psicológica) (Caridade & Machado, 2006).

Pese embora grande parte da literatura se focalize essencialmente em experiências vitimação isoladas, pouca atenção foi dada à possibilidade de que as crianças e adolescentes possam ser expostas a múltiplas formas de vitimação ou à “poli-vitimação” (Turner, Finkelhor, & Ormrod, 2010). Finkelhor e colaboradores (2005) através da utilização de um instrumento compreensivo de múltiplas formas de vitimação – *Juvenile Victimization Questionnaire* (JVQ) – encontraram que as “poli-vítimas” teriam consideravelmente níveis mais elevados de sintomas traumáticos do que as “não-vítimas” ou apenas as vítimas que sofreram uma única forma de vitimação, pelo que o número total das diferentes vitimações é um melhor preditor de sintomatologia do que a presença de um único tipo de vitimação. Como tal, é difícil um adolescente ou jovem pensar sobre os relacionamentos românticos quando foi vítima de abuso em criança e/ou mesmo vitimado nas suas próprias relações de amor (Feiring & Furman, 2000).

Estes eventos traumáticos acarretam consequências devastadoras ao nível neurológico, psicológico e cognitivo, e em concreto estas experiências ditas atípicas podem resultar no mau funcionamento de áreas do cérebro reguladoras das emoções, afeto, e empatia, provocando, na maioria dos casos, psicologicamente, problemas na regulação destas (Lowenthal, 1998). Outras consequências importantes a destacar passam pelo evitamento da intimidade nos relacionamentos, pois representa uma ameaça em vez de um sinal de amor; comportamentos provocativos, em prol da diminuição do medo e ansiedade; distúrbios nos processos da vinculação, uma vez que devido ao maltrato se sentem indignos e “mal-amados”, tendo, por isso, maiores dificuldades na formação de relacionamentos positivos e íntimos (e.g. Lowenthal, 1998; Blume, 1985-2004; Lisak, 1994).

As crianças vítimas de abuso sexual, por exemplo, podem apresentar mais dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais, sobretudo se se enveredar pela questão da traição da confiança e da violação dos seus limites pessoais (Cashmore & Shackel, 2013), pois “a violação da confiança é também uma componente do incesto” (Atwood, 2007, p. 292). Além do ato da violação do corpo, a sua confiança e amor são igualmente violados, não esquecendo que o abuso começa usualmente com a construção de confiança entre o perpetrador e a vítima, através de presentes, dinheiro, favores e afeto como forma de persuasão para exigir o seu silêncio, tornando-se tudo pior

quando se sentem traídos por outros membros da família que poderiam ter intervindo, não o fazendo (Atwood, 2007).

De acordo com *The Incest Survivors' Aftereffects Checklist* (Blume, 1985-2004), de entre os mais variados sinais que podem ser aplicados a outro tipo de abusos (e não somente visíveis em mulheres, mas em homens também), as vítimas acreditam que devem “produzir” para ser amadas, visionando os relacionamentos como *tradeoffs*, ademais exibem dificuldades na integração da sua sexualidade e emocionalidade, existindo um conflito entre o ato sexual e o afeto/carinho, por isso sexualizando todas as relações significativas e desenvolvendo, em algumas situações, relacionamentos com agressores de incesto.

Embora as estatísticas indiquem que os homens são menos propensos a experienciar o “ser-se forçado a fazer algo de natureza sexual” comparativamente às mulheres (Tjaden & Thoennes, 1998), deixando-as desconfiadas, sentindo medo e hostilidades pelo sexo masculino, e resultando no fraco estabelecimento de vinculações significativas (Flanagan & Furman, 2000), esta não é somente uma realidade feminina. Da mesma forma, uma pequena percentagem masculina reporta os seguintes efeitos psicológicos: sentimento de traição ou desapontamento para com os progenitores; relacionamentos inseguros com os pares durante a infância, esquemas negativos acerca dos outros (i.e. os outros irão magoá-los) e acerca do self (i.e. a experiência de abuso é uma parte má dos próprios); dificuldades ao nível da sexualidade, expressos pela confusão acerca desta e no medo da intimidade, ou pela sua compulsividade; entre outros (Lisak, 1994).

A relação entre este tipo de vitimação e os estilos de amor (já citados) foi estudada numa tentativa de explicar a agressão sexual, em jovens estudantes do sexo masculino, indicando que o melhor preditor seria o estilo ludus (manipulador e orientado para relacionamentos pouco sérios), benéfico para a classificação de homens coercivos e não-coercivos (e.g. Sarwer, Kalichman, Johnson, Early, & Ali, 1993; Russell & Oswald, 2002), reforçando-se que estas formas de vitimação podem atuar profundamente ao nível do bem-estar psicológico e da capacidade de formar relacionamentos íntimos saudáveis, os quais se tornam por vezes patológicos e disfuncionais (Atwood, 2007).

Com efeito, no que concerne à capacidade de se formar relacionamentos íntimos saudáveis podemos associar outros dois tipos de vitimação, o maltrato infantil e a violência no namoro (Malik, Sorenson, & Aneshensel, 1997; Smith & Williams, 1992),

já que diversas investigações exploram e descrevem como as experiências de vitimação passadas podem influenciar o desenrolar do início dos comportamentos românticos e como os mesmos podem estar relacionados com a emergência de relações românticas coercivas (Feiring & Furman, 2000).

Vários estudos indicam que os sujeitos das relações abusivas (vítimas e agressores) apresentam discursos e significações sobre o amor que legitimam e sustentam a violência na intimidade (Dias, Manita, Gonçalves, & Machado, 2012), e especialmente nos jovens podem ser formados e consolidados significados sobre o amor e relações afetivas que valorizem a ligação do ciúme, a violência como manifestação de amor, a indissolubilidade das relações (Black & Weisz, 2003). No contexto português, Dias e colaboradores (2012) analisaram as diferenças entre os discursos sobre as relações de intimidade em jovens e adultos (com historial e sem historial de violência nas relações), salientando principalmente que os discursos sobre o amor que permitam facilitar, legitimar e tolerar a violência não se circunscrevem somente aos sujeitos “disfuncionais”, perpetradores ou aos vitimados, pelo contrário o chamado “amor violento” faz parte do discurso social.

A par de uma panóplia de experiências de vitimação, evidencia-se o papel da qualidade da vinculação no que diz respeito à evolução de relacionamentos românticos no sentido positivo ou negativo, e no seguimento dos discursos legitimadores da violência, o desenrolar de relações interpessoais agressivas com os progenitores e os pares podem servir de modelo para relacionamentos românticos agressivos (Capaldi & Clark, 1998), não percecionando os atos de agressão como destrutivos dos mesmos (Feiring & Furman, 2000).

Da mesma forma, os próprios conflitos interparentais podem apresentar implicações no estabelecimento de relacionamentos românticos saudáveis na adolescência, visto que a observação das interações entre os progenitores fornecem modelos relacionados com o que é ser-se “namorado” e “namorada” e ao testemunharem diretamente o abuso na família terão uma maior predisposição para agir com os seus parceiros controladora, hostil e abusivamente, por seu turno as observações dos pares também fornecem modelos quanto à resolução de conflitos nas suas próprias relações amorosas (Kinsfogel & Grynych, 2004). Por conseguinte, crianças que se tenham relacionado com os seus progenitores de uma maneira caótica ou desconfiada podem encarar os relacionamentos como uma fonte de dor e decepção,

sendo as representações sobre o seu envolvimento nos relacionamentos negativo, tornando-os alvos de vitimação relacional (Leadbeater, Banister, Ellis, & Yeung, 2008).

Sumamente, as experiências positivas permitem criar conceções seguras e o contrário inseguras a respeito dos relacionamentos e por isso é esperado, na literatura, que aqueles que tenham sido vitimizados possam desenvolver conceções inseguras aplicadas aos relacionamentos românticos (Flanagan & Furman, 2000), juntamente com a relevância das experiências emocionais ocorridas na relação com os pais, particularmente na infância, que contribuem decisivamente para a construção de modelos representacionais acerca de si próprio e do mundo que orientam a ação do sujeito em futuras relações de proximidade emocional (Bowlby, 1973, 1980, citado por Matos & Costa, 2006; Waters & Cummings, 2000).

A Relação entre a Qualidade da Vinculação, as Experiências de Vitimação e o Amor: A Presente Investigação

Vários estudos apontam que uma alta percentagem de indivíduos com historial de maltrato infantil evidenciam padrões inseguros de vinculação na idade adulta (Azevedo & Maia, 2006), a par de outros que indicam que os indivíduos com histórias de maus-tratos tendem não só a desenvolver um padrão inseguro de vinculação como a escolher parceiros com padrões inseguros de vinculação (Figueiredo, Fernandes, Matos, & Maia, 2003).

Denote-se que da dependência implícita destas variáveis – vinculação e vitimação – advém determinadas implicações emocionais e no comportamento com o outro. A literatura releva que crianças maltratadas demonstram ter grandes dificuldades em relacionar-se com os pares e adultos, como também ao nível da expressão emocional, tornando-a menos apta no reconhecimento das suas emoções e sentimentos, e em termos comportamentais, a presença de um adulto “não abusivo” pode despertar um comportamento interpessoal da criança muito semelhante ao padrão de comportamento interativo que os pais têm com ela, ademais uma criança que seja vítima de abandono ou negligência física, psíquica ou emocional vê-se obrigada a adotar mecanismos de defesa ou comportamentos de sobrevivência (Azevedo & Maia, 2006).

A qualidade da relação estabelecida entre a criança maltratada e as figuras parentais influencia a sua posterior habilidade para estabelecer relações saudáveis com os pares, por exemplo, aprendendo a responder a situações de frustração, raiva ou medo

de maneira agressiva, podendo caracterizar-se as suas relações interpessoais por uma certa ambiguidade, ora procurando a aproximação do outro ora o seu afastamento, oscilando entre a dependência e a desconfiança (Azevedo & Maia, 2006). A título de exemplo, os comportamentos vinculativos desorganizados, os quais não são apenas bizarros e incoerentes, mas considerados indicadores de uma experiência de *stress* e ansiedade difícil de resolver para uma criança, em que o progenitor é tanto uma fonte de medo como o único refúgio seguro, assim sendo pais maltratantes criam o paradoxo de num momento constituírem a origem do conforto e noutro incutir o medo através de comportamentos abusivos e imprevisíveis (Van IJzendoorn, Shuengel, & Bakermans-Kranenburg, 1999).

De um outro prisma, enquanto que as vinculações precoces estáveis contribuem para o desenvolvimento saudável do indivíduo, investigações mais recentes focaram-se essencialmente na correlação entre padrões de vinculação patológica e o desenvolvimento de traços de personalidade mal adaptativos e da psicopatologia (para uma revisão completa ver Kielen, 1998). As perturbações da vinculação têm como característica principal a capacidade reduzida de resposta adequada nos planos emocional e social, incluindo um conjunto de problemas do comportamento que se observa frequentemente nas crianças que não receberam atenção suficiente durante os primeiros anos de vida (Rygaard, 2006).

O cuidado inconstante pode perturbar a formação da confiança necessária para que laços duradouros perdurem (Wilson, 2001), portanto uma vinculação insegura pode constituir um fator de risco para o desenvolvimento de relacionamentos ambivalentes, alterações de humor, e psicopatologia (Noshpitz, Flaherty, & Sarles, 1997, citado por Wilson, 2001). No ramo da psicopatologia, Meloy (1992, 1996, citado por Kielen, 1998) considerou que a perseguição obsessiva (*obsessional following*) ou o conhecido *stalking* é uma patologia da vinculação, explicando-se em parte uma variedade de comportamentos perpetuados pelos *stalkers* que perseguem um objeto de amor.

A *American Psychological Association* (APA, 2013) reconhece, por sua vez, a Perturbação Reativa da Vinculação (*Reactive Attachment Disorder*, RAD) como uma das formas de psicopatologia infantil mais severas no que toca a distúrbios da vinculação (Wilson, 2001), descrita por um padrão de comportamentos de vinculação inapropriados em que a criança raramente prefere procurar a figura de vinculação para receber conforto, apoio, proteção e cuidado, i.e., marcada pela incapacidade de formar relacionamentos normativos com outros e por cum fraco desenvolvimento social,

incluindo-se comportamentos sociopáticos durante a infância (Reber, 1996, citado por Wilson, 2001).

Neste sentido, tendo em conta o exposto, sabendo-se que as relações parentais pobres (e.g. baixo investimento e calor parental) e simultaneamente abusivas, pautadas pelo conflito constituem ser importantes fatores para o desenvolvimento de problemas de conduta (Lipsey & Derzon, 1998, citado por Farrington, 2002), juntamente com a vitimação que ao causar transformações na autoestima ou nos padrões do processamento de informação social que encorajem, por exemplo, a violência no futuro (Farrington, 2007), revendo-se assim a qualidade da vinculação, as experiências de vitimação e o amor em jovens delinquentes.

A delinquência juvenil e a sua relação com a qualidade da vinculação, as experiências de vitimação e o amor.

O conceito da delinquência juvenil pode remeter a duas perspetivas: ou podendo ser um fenómeno associado a todo o tipo de comportamento anti normativo, ou circunscrito apenas a comportamentos qualificados como infrações penais, conseqüentemente, o delinquente será a criança ou jovem acusado de ter cometido um delito ou considerado culpado de ter cometido um delito (Gomes, 1995). Por este motivo, existe uma clara distinção entre “conduta antissocial”, utilizada pelos psicólogos para designar um comportamento que é assumido como um comportamento que é assumido como prejudicial para a sociedade, não necessariamente ilegal, por oposição ao conceito de “desvio”, definido pelos sociólogos como o comportamento que viola a norma social de tal modo que as respostas de controlo social são mobilizadas (Binder, 1988).

Sob o olhar clínico, de acordo com a APA (2013), o comportamento antissocial, indicador da delinquência juvenil, pode traduzir-se numa Perturbação Antissocial da Personalidade, tratando-se de um padrão global de menosprezo e violação dos direitos dos outros com início na infância ou adolescência precoce e continuidade na idade adulta. Não obstante, o diagnóstico apenas pode ser inferido a partir dos 18 anos de idade e somente se existir historial de sintomas da Perturbação do Comportamento ou Conduta antes dos 15 anos, centrada na violação dos direitos básicos dos outros ou das normas sociais, por conseguinte um jovem que desenvolva uma Perturbação Antissocial

da Personalidade não se conformará com as normas sociais nem manterá uma conduta conforme as leis (APA, 2013).

Algumas teorias tipológicas foram precisamente desenvolvidas partindo da idade de início do comportamento antissocial como variável-chave para discriminar os diferentes tipos de delinquentes (Tornberry & Krohn, 2004). Moffitt (1993) propôs, neste âmbito, uma taxonomia dualista hipotética relacionada com a idade e com o comportamento antissocial – a delinquência que persiste ao longo da vida (*life-course-persistent*) e a delinquência limitada ao período da adolescência (*adolescence-limited*). Na mesma senda, Patterson e colegas (1991; 1992, citado por Tornberry & Krohn, 2004) categorizaram estes grupos em delinquentes de início precoce (*early starters*), mais voltados para os comportamentos manifestados na primeira infância, e de início tardio (*late starters*), cujos comportamentos ocorrem somente durante a adolescência.

De entre variados fatores de risco para a conduta desviante, e por fator de risco compreende-se as influências externas ou internas ou as condições associadas ou são preditivas de um resultado negativo (como a delinquência ou o comportamento antissocial) (DeMatteo & Marczyk, 2005), apontam-se especificamente ser do sexo masculino (Rutter, 2004), as relações de vinculação das crianças ou as características da qualidade das relações familiares (e.g. van IJzendoorn, 2002; Kazdin & Buela-Casal, 2001), a vinculação aos pares (e.g. Boers, Reinecke, Sedding, & Mariotti, 2010), e a vitimação durante a infância e adolescência (e.g. Cauffman, 2008).

Em concreto, alguns destes fatores de risco, tais como a natureza do relacionamento parental e a qualidade dos relacionamentos entre pares (Carr & Vandiver, 2001) funcionarão simultaneamente como fatores de proteção, ou na mesma linha de pensamento as influências externas ou internas ou condições que diminuem a probabilidade de resultados negativos ou aumentam a probabilidade de resultados positivos (DeMatteo & Marczyk, 2005).

Para Rankin e Wells (1990) os fatores familiares devem receber a devida atenção no que diz respeito à sua relação com a delinquência juvenil, nomeadamente a vinculação parental (ou o controlo indireto devido aos laços afetivos entre as crianças e os progenitores) e o controlo direto (ou a disciplina parental e a administração de punições pelos comportamentos desviantes), e para Warr (1993) no que respeita à supervisão parental, pelo que se os progenitores passarem mais tempo com os seus filhos podem reduzir a probabilidade de comportamentos desviantes, mais que não seja pela minimização das oportunidades para a marginalidade, visto que logicamente

passariam menos tempo com o seu grupo de pares delinquente, ou por maximizar os seus efeitos enquanto modelos positivos, transmitindo valores concordantes com a lei.

Adolescentes ou jovens que não estão fortemente vinculados aos seus progenitores tornam-se insensíveis às suas opiniões e estas fracas vinculações tornam-se ausentes de normas parentais e de consideração pelos seus sentimentos (Rankin & Wells, 1990). Hirschi (1969, citado por Hoeve, Stams, van der Put, Dubas, van der Laan, & Gerris, 2012) entendeu que o fenómeno da delinquência seria menos provável de acontecer em famílias cujos laços afetivos são mais fortes, na medida em que os jovens que estão fortemente vinculados aos seus progenitores preocupar-se-ão mais com as expectativas normativas destes, protegendo-os contra os impulsos delinquentes.

Estudos como o de Hoeve e colaboradores (2012) concluíram, assim, que uma fraca vinculação parental relaciona-se significativamente com a delinquência juvenil tanto em tanto em rapazes como em raparigas, tendo sido encontrados efeitos maiores em participantes menores, frisando que a vinculação pode ser um alvo de intervenção para a redução ou prevenção de comportamentos delinquentes futuros. Também Pauli-Pott, Haverkock, Pott, e Beckmann (2007) estabeleceram uma associação entre a vinculação segura e desorganizada e os problemas comportamentais subsequentes no início da infância, por isso os problemas comportamentais precoces são muitas vezes precedidos por uma vinculação insegura e desorganizada.

De modo alternado, pode-se afirmar que para além dos comportamentos parentais se relacionarem diretamente com a delinquência, a afiliação a pares desviantes constitui similarmente uma fonte de influência (Deutsch, Crockett, Wolff, & Russell, 2012). É importante de igual modo não descurar a importância social e emocional dos relacionamentos com os pares durante a adolescência, os quais têm a capacidade de direcionar os indivíduos para diferentes percursos no seu ajustamento futuro (Gorrese & Ruggieri, 2012).

Interligando-se a vinculação parental e aos pares, o modelo do comportamento antissocial de Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1990) explica a associação a pares delinquentes através da pobre gestão de práticas familiares durante a infância, nomeadamente as interações coercivas e a fraca monitorização parental, e Deutsch e colaboradores (2012) sustentam que este percurso desviante em jovens de diferentes etnias e residentes em bairros de baixo e elevado risco se deve a um fraco controlo parental, e indiretamente através do seu efeito sobre a afiliação a pares delinquentes.

Farrington (2002) concorda que embora jovens delinquentes tenham amigos também eles delinquentes, estes não geram necessariamente delinquência, não deixando de a vinculação aos pares de exercer influência sobre o comportamento delinquente, como refere a meta-análise de Sugiyanto (2011), acentuando que a sua amostra integrava exatamente um grupo de pares delinquente. Em contraste, os relacionamentos positivos entre pares poderão funcionar como um fator protetor para crianças e adolescentes em situações de risco (Lansford, Criss, Pettit, Dodge, & Bates, 2003), sobretudo em situações de vitimação e até nas próprias experiências de vitimação entre pares a qualidade das amizades pode funcionar simultaneamente como protetora de se tornarem alvos da vitimação como atenuar comportamentos de *bullying* (Bollmer, Milich, Harris, & Maras, 2005).

Porém, o comportamento criminoso não pode ser reduzido a problemas de vinculação na infância (van Ijzendoorn, 2002), sabendo-se que, grosso modo, outras investigações remetem para uma associação entre condutas desviantes e a vitimação no geral (Chen, 2009), as experiências de maus-tratos durante a infância também interferem adversamente na trajetória desenvolvimental do indivíduo, pelo que tais efeitos adversos são visíveis tanto na infância, adolescência e até na idade adulta (Figueiredo et al., 2003).

As principais sequelas a longo prazo incluem, entre tantas outras, dificuldades de relacionamento social com crianças e adultos, comportamentos sociais de risco, baixa autoestima e da expectativa pessoal e profissional, e o aumento da delinquência e da criminalidade (Canha, 2008). Destaca-se, em especial, a vitimação infantil como um importante fator de risco para a delinquência juvenil, criminalidade adulta e violência (English, Widom, & Brandford, 2002), especificamente relacionando o abuso físico e a agressão infantil, um estudo sugere que pelo menos 10% das crianças abusadas tornam-se delinquentes antes de alcançar a idade adulta (Lewis, Mallouh, & Webb, 1989), ainda o maltrato sexual e físico infantil aumentam a probabilidade de comportamentos violentos e criminais adultos (Ben-David & Goldberg, 2008).

Daqui surgem dois grupos de indivíduos, o grupo que provoca dano ou os ofensores/agressores, e o grupo a quem lhe é provocado o dano ou as vítimas (Posick, 2013), contudo esta visão mudara e deixara de ser tão concentrada em polos diferentes para passar a aceitar que se unem, preenchendo esta lacuna por uma relação vítima-ofensor (Wolfgang, 1957, citado por Posick, 2013), na medida em que os agressores estão mais sujeitos a tornarem-se vítimas do que os “não-agressores” e vice-versa,

sugerindo-se que na maior parte das vezes as vítimas e os agressores são um só indivíduo (e.g. Singer, 1981).

Além do próprio compromisso num estilo de vida desviante contribuir para a vitimação, visto que indivíduos com características semelhantes às de outros ofensores terão maior propensão para serem vitimizados (Zhang, Welte, & Wieczorek, 2001), as próprias experiências conflituais interparentais geram mais situações de vitimação (Somer & Braunstein, 1999), e o maltrato infantil conjugado com fatores de risco familiares, estão associados, por sua vez associados à precocidade das ofensas (Wasserman, Keenan, Trembaly, Coie, Herrenkohl, Loeber, & Petechuk, 2003). A partir daqui é possível forçar-se a criação de “jovens de rua” (*street youth*), jovens que fogem ou são expulsos de suas casas e/ou passam algum ou todo o seu tempo em vários espaços públicos, e embora esteja este fenómeno ligado à violência de rua, estes jovens ofensores tornam-se vulneráveis a múltiplas experiências de vitimação (Baron, 2003).

Finalmente, este tipo de experiências interfere significativamente nos processos de formação das estratégias de vinculação, bem como na futura significação que o indivíduo dá à sua relação com os progenitores e com os outros, podendo ter um impacto negativo quanto aos relacionamentos interpessoais e íntimos com pessoas significativas (Figueiredo et al., 2003).

Por um lado, quando as crianças são alvo do afeto parental, estas desenvolvem modelos internos de relacionamentos realizados (Stronach, Toth, Rogosch, Oshiri, Manly, & Cicchetti, 2011), através dos quais os seus pensamentos e sentimentos acerca dos outros são organizados e transferidos para futuras relações (Bascos, Davies, Sturge-Apple, & Cummings, 2009), por outro lado as crianças maltratadas terão mais representações negativas dos seus cuidadores (Toth, Cicchetti, Macfie, & Emde, 1997). O envolvimento nos conflitos parentais, em particular, coloca o menor em maior exposição face a relações de hostilidade com os progenitores, diminuindo a sua qualidade relacional com estes, minando-a e propiciando a comportamentos agressivos tanto para com eles como com as restantes relações sociais (Fosco & Grych, 2010).

Ainda, não esquecendo que se a criança ou o adolescente estiver envolvida(o) numa família multi-violenta, o grau de disfunção é maior do que naquelas onde só existe uma forma de abuso, afetando diferentes áreas do relacionamento familiar (Slep & O’Leary, 2001), e é então provável que a agressão se torne um padrão estável de relacionamento (Machado, Gonçalves, & Vila-Lobos, 2008).

Objetivos da presente investigação.

Tendo em consideração o estado da arte exposto, o presente estudo parte assim do pressuposto que a qualidade da vinculação (parental e aos pares) e as experiências de vitimação poderão afetar positiva ou negativamente as crenças da população juvenil no amor romântico, dado não ser um tema muito explorado, pelo menos conjugando estas duas variáveis.

As crenças podem fazer parte de um ciclo (um ciclo vicioso sobretudo para indivíduos inseguros) em que a experiência pode semelhantemente afetar o sistema de crenças acerca do próprio e do outro, e este sistema influenciará, por sua vez, comportamentos e relacionamentos (Wachtel, 1977, citado por Hazan & Shaver, 1987). Propõe-se como modelo organizativo que a variação nas crenças no amor romântico possa ser explicada através da qualidade da vinculação (parental e aos pares) e das experiências de vitimação da população juvenil. Espera-se, desta forma, que as crenças dos adolescentes/jovens variem positivamente se a qualidade da vinculação for segura e se não tiverem sofrido experiências de vitimação, contrariamente espera-se que estas crenças variem negativamente se a qualidade da vinculação for insegura e tiverem sofrido experiências de vitimação.

Por último, outros objetivos gerais desta investigação passam por analisar o efeito da interação entre a qualidade da vinculação (parental e aos pares) e experiências de vitimação sobre as crenças no amor romântico na população juvenil, particularmente entre adolescentes/jovens da população geral e adolescentes/jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em Centro Educativo (CE), do sexo masculino. Daqui propõem-se dois outros objetivos específicos: analisar separadamente o efeito da qualidade da vinculação (parental e aos pares) sobre as crenças no amor romântico; e analisar separadamente o efeito das experiências de vitimação sobre as crenças no amor romântico. As hipóteses para estes objetivos são:

1. Os adolescentes/jovens cuja perceção da vinculação (parental e aos pares) é segura e não tenham sofrido experiências de vitimação revelam ter crenças no amor romântico positivas;
2. Os adolescentes/jovens cuja perceção da vinculação (parental e aos pares) é segura revelam ter crenças no amor romântico positivas;
3. Os adolescentes/jovens que não tenham sofrido experiências de vitimação revelam ter crenças no amor romântico positivas.

O segundo e último objetivo desta investigação é o de comparar a qualidade da vinculação (parental e aos pares), a existência de experiências de vitimação, e as crenças no amor romântico entre a população geral e a população que cumpre uma medida tutelar educativa em CE. Para tal constituem-se as seguintes hipóteses:

1. Os adolescentes/jovens da população geral percecionam a sua vinculação (parental e aos pares) como mais segura, por oposição aos adolescentes/jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em CE;
2. Os adolescentes/jovens da população geral não sofreram ou sofreram em menor gravidade experiências de vitimação, por oposição aos adolescentes/jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em CE;
3. Os adolescentes/jovens da população geral revelam crenças no amor romântico mais positivas do que os adolescentes/jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em CE.

Em particular, tendo em consideração a população que cumpre uma medida tutelar educativa em CE, pratica ou praticou atos que remetam para a lei ou transgressão, i.e., para a delinquência essencialmente jurídica (Matos, Negreiros, Simões, & Gaspar, 2009) e face ao fato da literatura ilustrar correlações entre a delinquência, vinculação e vitimação, repercutindo-se na capacidade para estabelecer relacionamentos, como tal sendo esta população um alvo elevado de um conjunto de fatores de risco ao desenvolvimento de vinculações inseguras e experiências de vitimação, espera-se uma maior probabilidade de que as suas crenças no amor romântico sejam menos positivas, comparativamente aos adolescentes/jovens da população geral, esperando-se que os seus resultados sejam mais baixos ao nível das crenças no amor romântico.

Método

Participantes

No total participaram nesta investigação 106 adolescentes e jovens do sexo masculino, 34 dos quais pertencem a uma subamostra da população que se encontra a cumprir uma medida tutelar educativa em CE e 72 uma subamostra da população geral (37 adolescentes/jovens do Ensino Básico e Secundário e 35 jovens do Ensino Superior). A média de idades da amostra total é de 18 anos ($M= 18.58$; $DP= 3.138$), pelo que somente 2.8% completaram o Ensino Básico, 32.1% frequentam o Ensino Primário e Secundário e 33% frequentam o Ensino Superior. Ademais, a esmagadora maioria é de nacionalidade Portuguesa (96.2%), pertencendo 49% à Região Centro, 45.3% à Região Sul e 5.7% à Região Norte.

Jovens a cumprir uma medida tutelar educativa em Centro Educativo.

Objetivamente, os participantes desta subamostra têm idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, sendo a sua média de idades de 17 anos ($M= 16.79$; $DP= 1.409$), 91.2% são de nacionalidade portuguesa, 5.9% de nacionalidade cabo-verdiana e 2.9% são-tomense, tendo apenas completado o Ensino Primário (1.º, 2.º e 3.º ciclo), cumprindo 61.8% esta medida tutelar educativa em Regime Semiaberto (RSA) e os restantes 38.2% em Regime Aberto (RA).

Jovens da população geral.

Relativamente aos 72 jovens da população geral, a média total de idades destes participantes é de 19 anos ($M= 19.43$; $DP= 3.373$) e a maioria de nacionalidade portuguesa (98.6%). Ao nível da escolaridade 4.2% frequentam o Ensino Básico, 47.2% o Ensino Secundário e 48.6% o Ensino Superior, sendo que dos participantes que frequentam o Ensino Básico, 30.6% encontram-se no Ensino Regular e 20.8% ao Ensino Profissional. A subamostra que completa o Ensino Superior, 67.6% frequenta a Licenciatura e 27% o Mestrado, maioritariamente da área da Saúde (23.6%).

Instrumentos

Para a concretização dos objetivos foram aplicados três instrumentos de autorrelato, traduzidos para a língua portuguesa por Silva e Neves (2013), com o devido consentimento e autorização de todos os autores, nomeadamente o

Juvenile Victimization Questionnaire (JVQ, Finkelhor et al., 2005; versão portuguesa de Silva & Neves, 2003), Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987; versão portuguesa de Silva & Neves, 2013), e Romantic Beliefs Scale (RBS, Sprecher & Metts, 1989; versão portuguesa adaptada para jovens neste estudo por Silva e Neves, 2013).

Juvenile Victimization Questionnaire.

O Juvenile Victimization Questionnaire (Finkelhor et al., 2005) foi desenvolvido com um propósito compreensivo para avaliar o crime, o maltrato infantil e outros tipos de vitimação durante a infância, tentando preencher a necessidade criada pelo aumento do interesse clínico e da investigação na epidemiologia e impacto destas experiências. Em traços gerais, contém 34 questões acerca de ofensas contra jovens, cobrindo cinco áreas gerais: “crime convencional”, “maltrato infantil”, “vitimação perpetuada por amigos e irmãos”, “vitimação sexual”, “testemunho e vitimação indireta”.

Foi concebido no formato de entrevista para crianças a partir dos oito anos até aos 17 anos, não obstante poderá ser aplicado em formato autoadministrado para jovens a partir dos 12 anos de idade (versão utilizada na presente investigação com uma duração de preenchimento de 20 minutos) e também existe uma versão destinada ao cuidador, na qual poderia ser entrevistado na condição de substituto, especialmente se a criança tiver menos de oito anos. Contém ainda questões de *follow-up* que incluem o número de vezes que uma criança foi vitimizada, por quem, se foi agredida e questões específicas à vitimação reportada.

A versão em formato autoadministrado validada nesta investigação remete as questões para o “último ano” como o período de tempo para reportarem as vitimações, porém o instrumento pode ser adaptado a uma perspetiva “durante a vida” e até a uma visão retrospectiva dos eventos reportada pelos respondentes adultos.

Pode ser administrado individualmente ou em grupo e as questões até podem ser lidas oralmente para o grupo enquanto preenchem este formato, podendo ser cotado de diversas formas, sendo que a mais adequada para esta versão indica a presença de experiências de vitimação através da resposta “sim” ou 1, ou que nenhuma forma de vitimação foi reportada através da resposta “não” ou 0, em cada módulo ou área.

Quanto às suas qualidades psicométricas, embora os autores considerem que a consistência interna seja de aplicabilidade limitada num tipo de instrumento que mede eventos reais, além de não a considerarem relevante para este tema, calcularam ainda

assim o alfa de Cronbach na sua totalidade e agregando todos os componentes de cada módulo. O valor total das 34 questões foi de 0.80, variando para os agregados entre um valor “moderado” e “fraco”, derivado a maior parte do número de itens – 8 itens para o “crime convencional” ($\alpha = 0.61$), 4 ou menos itens para o “maltrato infantil” ($\alpha = 0.39$), 7 itens para a “vitimação sexual” ($\alpha = 0.51$), 9 itens para a “vitimação perpetuada por amigos e irmãos” ($\alpha = 0.55$), não tendo sido calculada para o “testemunho e vitimação indireta” (Finkelhor et al., 2005). Neste estudo, o alfa total foi de 0.81, no entanto a consistência interna não foi calculada para os agregados, dado não se calcularem da forma convencional, na ótica dos autores do estudo original.

Em termos da validade do JVQ, foi avaliada a validade de constructo através de correlações com itens alusivos à sintomatologia traumática, mostrando-se estas correlações moderadas mas significativas com os sintomas referentes ao trauma, expressos nos instrumentos *Trauma Symptoms Checklist for Children* (TSCC, Briere, 1996, citado por Finkelhor et al., 2005) e *Trauma Symptom Checklist for Young Children* (TSCYC, Briere, Johnson, Bissada, Damon, Crouch, Gil, Hanson, & Ernst, 2001). No geral, as correlações sugeriram que as diferentes versões do JVQ se comportam como outros instrumentos acerca da vitimação e medem estas experiências que preocupam criminologistas e profissionais da saúde mental (Finkelhor et al., 2005).

Inventory of Parent and Peer Attachment.

Este instrumento de autorrelato destina-se à população adolescente com o propósito de avaliar as percepções destes acerca das dimensões afetiva e cognitiva positiva e negativamente quanto aos relacionamentos com as figuras parentais e amigos, ou por outras palavras, o quanto estas figuras servem de fonte à segurança psicológica (Armsden & Greenberg, 1987). Originalmente o questionário de Armsden e Greenberg (1987) contém 60 itens, dividindo-se em três subescalas – *trust* (“confiança”), *communication* (“comunicação”) e *alienation* (“alienação”) – referentes à vinculação parental e aos pares, cotadas numa escala de Likert até 5 pontos (“quase nunca ou nunca” até “quase sempre ou sempre”).

Contudo, o IPPA foi revisto somente por Armsden (1986) avaliando-se separadamente a vinculação à mãe, pai e aos pares, passando a vinculação parental a estar dividida em duas secções, sendo os itens idênticos na sua natureza. Esta versão do questionário foi a versão disponibilizada e recomendada pelos autores a fim de ser aplicada nesta investigação, passando a conter um total de 25 itens por cada subescala – *mother*

(“mãe”), *father* (“pai”) e *peers* (“amigos”), igualmente cotadas numa escala de Likert até 5 pontos, sendo que quanto mais elevadas as pontuações nas subescalas forem, maior será a qualidade da vinculação (Buist, Dekovic, Meeus, & van Aken, 2004). Ademais nas subescalas “mãe” e “pai”, os participantes que considerarem ter um relacionamento diferente tanto com uma figura como com a outra, devem ser instruídos a responder aos itens pensando naquela que mais os influenciou (Laible, Carlo, & Raffaelli, 2000).

O cálculo total da consistência interna (alfa de Cronbach), no estudo original e revisto (Armsden, 1986; Armsden & Greenberg, 1987), apresentou um valor de 0.87 para a subescala “mãe”, para a escala “pai” de 0.89 e para a escala “amigos” de 0.92. Os valores do alfa neste estudo foram identicamente elevados para consistência interna total ($\alpha = 0.93$), para a subescala “mãe” ($\alpha = 0.86$), “pai” ($\alpha = 0.93$) e “amigos” ($\alpha = 0.90$).

No que diz respeito à validade convergente do IPPA, as pontuações da vinculação parental estão moderada a elevadamente relacionadas com o instrumento *Tennessee Self Concept Scale* (TSCS, Fitts, 1965, citado por Armsden & Greenberg, 1987) e com as subescalas da *Family Enviromental Scale* (FES, Moos, 1974, citado por Armsden & Greenberg, 1987). Igualmente, a vinculação aos pares foi positivamente associada ao autoconceito social medido pela TSCS e à expressividade familiar avaliada pela FES, mas elevada e negativamente correlacionada com a solidão, além de ser moderadamente correlacionada com a vinculação parental avaliada pelo próprio IPPA, bem como a medidas do funcionamento geral familiar e autoconceito enquanto membro da família (Armsden, 1986; Armsden & Greenberg, 1987). Para a validade de constructo, os autores referem que deve ainda ser demonstrada através da avaliação clínica do funcionamento psicológico adolescente ao invés da utilização da metodologia de autorrelato (Armsden & Greenberg, 1987).

Ainda, as pontuações do IPPA foram associadas com um número de variáveis da personalidade, assim a vinculação parental e aos pares foi correlacionada com a positividade e estabilidade da autoestima, satisfação com a vida, e estado afetivo (depressão, ansiedade, ressentimento/alienação, raiva encoberta, solidão) (Armsden, 1986; Armsden & Greenberg, 1987), e a esta qualidade da vinculação parental, em menor extensão aos pares, foi associada também com estratégias de *coping* em situações de stress emocional (Armsden, 1986).

Romantic Beliefs Scale.

Da autoria de Sprecher e Metts (1989), esta escala de autorrelato avalia as crenças que foram identificadas na literatura como constituintes da ideologia do romanticismo, abrangendo um total de 15 itens distribuídos por quatro subescalas. A média destes itens representa o grau de orientação da ideologia romântica de um indivíduo (Sprecher & Metts, 1999), i.e., quanto maior esta média maior o romanticismo, procurando medir as atitudes pessoais ao invés das expectativas normativas acerca do romanticismo (Sprecher & Metts, 1989).

As quatro subescalas denominam-se de *love finds a way* (“o amor supera tudo”), *one and only* (“cara-metade”), *idealization* (“idealização” do parceiro e da relação) e *love at first sight* (“amor à primeira vista”), as quais são cotadas numa escala de Likert até sete pontos, na lógica de “discordo fortemente” até “concordo fortemente”, contudo apenas o primeiro item é cotado inversamente. Os itens 2, 5, 9, 11, 13 e 15 estão contemplados na subescala “o amor supera tudo”, os itens 3, 4 e 10 correspondem à subescala “cara-metade”, os itens 7, 8 e 14 à subescala “idealização”, e para a subescala “amor à primeira vista” estão englobados os itens 1 (de cotação inversa), 6 e 12.

Para aferir a sua consistência interna foi utilizado o alfa de Cronbach, cujo valor total é de 0.81, variando entre 0.57 e 0.80 para cada subescala, todavia após o teste-reteste a consistência interna total passou para 0.75 e para as quatro subescalas variou entre 0.49 e 0.73 (Sprecher & Metts, 1989). Respetivamente ao seu cálculo para a presente investigação, a consistência interna total é de 0.82, para a subescala “o amor supera tudo” é de 0.73, para a subescala “cara-metade” é de 0.71, para a subescala “idealização” é de 0.81, e para a subescala “amor à primeira vista” é de 0.02. Sendo este último valor muito fraco, esta subescala não foi utilizada em análises posteriores.

Em termos da validade, esta escala foi correlacionada com outros instrumentos da mesma natureza, em concreto correlaciona-se significativamente com o *Romantic Love Complex* (RLC, Spaulding, 1970, citado por Sprecher & Metts, 1989) quanto à validade de critério, contudo comparando-se os itens de ambos os instrumentos, o RBS mede mais aspectos do romanticismo e engloba mais itens que por sua vez medem cada crença, para além de que o RLC é direccionado para avaliar situações hipotéticas e ao contrário os itens do RBS referem-se ao self. Foi também correlacionado positivamente com a escala *Sex-Love-Marriage Association* (SLM, Weis, 1981, citado por Sprecher & Metts, 1989) ao nível da validade de constructo, sendo expectável que um indivíduo acredite numa associação entre o amor, o sexo e o casamento. Também relativo

à validade de constructo, esta escala foi correlacionada positivamente com outras medidas alusivas a sentimentos e comportamentos num relacionamento com um indivíduo específico, como por exemplo Love e Linking Scale (Rubin, 1970), *Love Reactions Scale* (Kanin, Davidson, & Scheck, 1970, citado por Sprecher & Metts, 1989), e os estilos de amor eros e agape.

Procedimento

Em primeiro lugar, foi estabelecido o contato prévio a fim de pedir autorização para se avançar com o projeto com a entidade responsável pela sua aprovação (ISCSEM), assim como com a Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) no que concerne à autorização para o desenvolvimento da investigação em CE. Com a sua aprovação contactou-se via e-mail os respetivos autores de cada um dos instrumentos utilizados, no sentido de obter a sua permissão para a tradução e adaptação destes, com a garantia do reenvio de uma versão final traduzida para os mesmos, tendo em atenção a terminologia usada, facilitando sobretudo a compreensão dos jovens institucionalizados, devido às limitações académicas apresentadas.

A primeira aplicação da bateria de testes teve lugar no CE ocupando um período de três semanas, consoante a disponibilidade dos técnicos e dos próprios horários dos jovens. Para a concretização desta aplicação seria necessário o aplicador estar na presença de pelo menos um técnico e/ou segurança, como tal com a autorização dos professores para a utilização de uma sala de aula, foi-lhes explicado qual seria o objetivo principal da investigação e para que serve, quais os instrumentos a preencher e o que pretendiam medir, salientado que deveriam manter-se em silêncio para assegurar uma maior confidencialidade e enviesamento dos dados, podendo pedir para esclarecer as suas dúvidas durante a sua realização.

Os 34 jovens foram divididos em grupos, sendo que toda a documentação foi administrada em formato papel, nomeadamente um documento alusivo à sua participação nesta investigação, contado com a informação mais detalhada acerca dos objetivos em estudo, seguido do consentimento informado (tendo já sido recolhidas as autorizações dos encarregados de educação dos menores com o auxílio de uma Técnica Superior de Reinserção Social, TSRS) e dos instrumentos – JVQ, IPPA, RBS – cuja duração total do seu preenchimento foi de 40 minutos.

A segunda fase da sua aplicação (com os jovens da população geral) decorreu em estabelecimentos do Ensino Superior com a duração de um mês. Foi pedida a

colaboração dos participantes separadamente ou em pequenos grupos de estudo, em salas reservadas para a consecução de trabalhos académicos, sendo o seu procedimento idêntico ao da primeira aplicação, com a exceção de que deveriam preencher um documento de caracterização a seguir ao consentimento informado. A duração total do preenchimento da bateria de testes variou consoante o participante, alcançando uma média entre 15 e 20 minutos.

A última fase da aplicação, direcionada para os adolescentes/jovens da população geral frequentadores do Ensino Básico e Secundário, teve igualmente a duração de um mês. Neste caso em particular, não foi possível a presença do aplicador, contudo foi criado um documento que explicitava todas as dúvidas que pudessem surgir, bem como todas as explicações que foram dadas nos grupos anteriores, em conjunto com o consentimento informado para os encarregados de educação, preenchendo nas suas respetivas habitações.

Resultados

Em primeiro lugar, antes de se partir para a análise dos objetivos principais da investigação, calcularam-se as médias totais das pontuações obtidas em cada um dos três instrumentos, de cada subescala e módulos, na amostra total.

Quanto à perceção da vinculação parental e aos pares medida através do IPPA, a média da pontuação total da escala é de 290.94 (DP= 37.73) e as pontuações da subescala “mãe” variaram entre 48 e 118 (M= 97.19; DP= 15.41), as pontuações da subescala “pai” variaram entre o mínimo de 33 e o máximo de 123 (M= 88.77; DP= 21.81), e as pontuações da subescala “amigos” variaram entre 65 e também 123 (M= 103.49; DP= 13.14). É de referir que 16 participantes não responderam à secção referente à subescala “mãe”, 12 à subescala “pai” e três a ambas as secções, por um lado não se sentindo vinculados a cada uma destas figuras, por outro lado não encontrando ninguém que as substituísse e ou até porque estas figuras não existiam, tendo sido excluídos das futuras análises com estas variáveis.

Averiguando-se a presença de experiências de vitimação através da média da pontuação total do JVQ (M= 9.54; DP= 5.04), variando entre 0 e 26, e dos cinco módulos do JVQ, para cada um dos módulos ou áreas apresentam-se as seguintes médias e pontuações mínimas e máximas: “crime convencional” (M= 3.00; DP= 1.96), variando entre 0 e 8; “maltrato infantil” (M=.77; DP=.979), variando entre 0 e 4; “vitimação perpetuada por amigos e irmãos” (M= 1.77; DP= 1.59), variando entre 0 e 6; “vitimação sexual” (M=.66; DP=.914); variando entre 0 e 6; e “testemunho e vitimação indireta” (M= 3.33; DP=.181), variando entre 0 e 8.

Por último, no que concerne às crenças face ao amor romântico, a média total das pontuações da escala RBS foi de 58.52 (DP= 12.16), para a subescala “o amor supera tudo” foi de 34.56 (DP= 5.78), para a subescala “cara-metade” foi de 10.27 (DP= 5.09), e para a subescala “idealização” a média foi de 13.69 (DP= 4.69). As pontuações mínimas e máximas variaram entre 29 e 84 para o total da escala, entre 17 e 42 para a subescala “o amor supera tudo”, e entre 3 e 21 para as duas restantes subescalas. Também foram calculadas as médias da escala de Likert, tal como os autores do estudo original o fizeram, com efeito a média total da escala de Likert do RBS é de 4.85 (DP= 1.008), para a subescala “amor supera tudo” a média é 5.77 (DP=.958), para a subescala “cara-metade” e “idealização” as médias são 4.56 (DP= 1.565).

Em segundo lugar, correlacionaram-se os instrumentos, através do cálculo do coeficiente de Pearson, obtendo-se correlações estatisticamente significativas negativas

(de baixa intensidade) entre as pontuações totais do JVQ e subescalas do IPPA, nomeadamente com as subescalas “mãe” ($r = -.363$, $p = .000$) e “pai” ($r = -.234$, $p = .025$), e uma correlação estatisticamente significativa positiva (de baixa intensidade) entre as pontuações da escala RBS e a subescala “pai” do IPPA ($r = .268$, $p = .010$) (tabela 1).

Tabela 1

Correlações entre as pontuações dos instrumentos JVQ, IPPA e RBS

	IPPA	IPPA	IPPA
JVQ	-.363*	-.234*	ns
RBS	ns	.268*	ns

** $p < .01$

* $p < .05$

Verificaram-se ainda correlações estatisticamente significativas negativas entre as pontuações dos cinco módulos ou áreas do JVQ e as subescalas do IPPA e RBS. Em particular, entre o módulo “crime convencional” com a subescala “mãe” ($r = -.279$, $p = .005$) e com a subescala “idealização” ($r = -.198$, $p = .042$) (de intensidade baixa para as duas correlações); entre o módulo “maltrato infantil” e a subescala “mãe” ($r = -.418$, $p = .000$) e “pai” ($r = -.416$, $p = .000$) (de intensidade moderada para as duas correlações), e com a subescala “amigos” ($r = -.205$, $p = .035$) (de intensidade baixa); entre o módulo “vitimação perpetrada por amigos e irmãos” e a subescala “mãe” ($r = -.200$, $p = .044$) (de intensidade baixa); e entre o módulo “testemunho e vitimação indireta” e a subescala “mãe” ($r = -.212$, $p = .033$) (de intensidade baixa), como se pode observar na tabela 2.

Tabela 2

Correlações entre as pontuações obtidas nos módulos do JVQ e as subescalas do IPPA e RBS

	Crime Convencional	Maltrato Infantil	Vitimação Amigos (...)	Vitimação Sexual	Testemunho (...)
Mãe	-.279**	-.418**	-.200*	ns	-.212*
Pai	ns	-.416**	ns	ns	ns
Amigos	ns	-.205*	ns	ns	ns

Tabela 2

Correlações entre as pontuações obtidas nos módulos do JVQ e as subescalas do IPPA e RBS (continuação)

O Amor	ns	ns	ns	ns	ns
supera Tudo					
Cara-Metade	ns	ns	ns	ns	ns
Idealização	-.198*	ns	ns	ns	

**p<.01

*p<.05

Foram correlacionadas ainda as pontuações das subescalas do IPPA e do RBS, obtendo-se uma única correlação estatisticamente significativa e positiva entre a subescala “pai” e a subescala “idealização” ($r=.328$, $p=.002$) (de intensidade baixa).

Análise da qualidade da vinculação (parental e aos pares) e das experiências de vitimação sobre as crenças face ao amor juvenil.

Neste objetivo foram realizadas cinco regressões lineares múltiplas¹, segundo o método *enter*, logo serão apresentados os resultados de cinco modelos. No primeiro modelo testaram-se as pontuações totais do IPPA e do JVQ (variáveis independentes) na pontuação total do RBS (variável dependente), não se revelando estatisticamente significativo.

No segundo modelo testaram-se as pontuações das subescalas do IPPA (“mãe”, “pai” e “amigos”) e dos cinco módulos ou áreas do JVQ (“crime convencional”, “maltrato infantil”, “vitimação perpetuada por amigos e irmãos”, “vitimação sexual”, e “testemunho e vitimação indireta”) (variáveis independentes) na pontuação total do RBS (variável dependente). A qualidade do modelo indicou que 12.8% da variância nas crenças face ao amor romântico é explicada pela qualidade da vinculação (parental e aos pares) e pelas experiências de vitimação, tratando-se de um modelo estatisticamente significativo ($R^2_a=.128$, $F(9,80)= 2.454$, $p=.016$). Em específico, a variável “pai” e “vitimação sexual” são as variáveis que melhor predizem este modelo e únicas estatisticamente significativas, no sentido positivo, ou seja, quanto maior a pontuação

¹ Todos os pressupostos da Regressão Linear Múltipla foram cumpridos, especificamente a linearidade das variáveis e dos coeficientes, a multicolinearidade das variáveis independentes, a homocedasticidade das variáveis residuais, a normalidade das variáveis residuais, e a independência das variáveis residuais.

da qualidade ao pai, mais positivas são as crenças românticas e quanto maior a presença da vitimação sexual, mais negativas serão as crenças românticas (tabela 3).

Tabela 3

Análise da qualidade da vinculação (parental e aos pares) e das experiências de vitimação nas crenças face ao amor romântico

	Beta	<i>t</i>	p	Correlação Semi-Parcial
Amostra	-.093	-.847	.399	-.084
Crime Convencional	-.024	-.184	.855	-.018
Maltrato Infantil	-.118	-.957	.342	-.095
Vitimação Amigos (...)	-.177	-1.388	.169	-.137
Vitimação Sexual	.350	3.108	.003*	.308
Testemunho (...)	-.024	-.193	.847	-.019
Mãe	-.176	-1.419	.160	-.140
Pai	.281	2.463	.016*	.244
Amigos	.103	.925	.358	.092

*p<.05

No terceiro modelo testaram-se as pontuações das subescalas do IPPA e dos cinco módulos ou áreas do JVQ (variáveis independentes) nas pontuações das subescalas do RBS (“o amor supera tudo”, “cara-metade” e “idealização”), nomeadamente na crença “o amor supera tudo”, não apresentando valores para um modelo estatisticamente significativo. No quarto modelo testaram-se as mesmas variáveis independentes na crença “cara-metade”, não sendo igualmente um modelo estatisticamente significativo.

No quinto e último modelo testaram-se uma vez mais as mesmas variáveis independentes na crença “idealização” pelo que 22.7% da variância de nesta crença e explicada pela qualidade da vinculação (parental e aos pares) e pelas experiências de vitimação, apresentando-se como um modelo estatisticamente significativo ($R^2_a=.225$, $F(9,80)= 3.900$, $p=.000$), assim as variáveis preditoras significativas relativas à qualidade da vinculação (parental e aos pares) foram as três variáveis “mãe” (associação negativa e baixa) “pai” (associação positiva e baixa) e “amigos” (associação positiva e

baixa); e as variáveis preditoras significativas relativas à vitimação constaram do “crime convencional” (associação positiva e baixa) e a “vitimação sexual” (associação negativa e baixa). As variáveis preditoras que melhor se destacam são, uma vez mais, a qualidade da vinculação ao pai, partindo-se da mesma premissa expressa no modelo anterior, mas adaptada à crença idealização, e a vitimação sexual, indicando que a não presença ou uma presença menor da vitimação sexual aumentará a crença idealização no sentido positivo (tabela 4).

Tabela 4

Análise da qualidade da vinculação (parental e aos pares) e das experiências de vitimação sobre a crença romântica “idealização”

	Beta	<i>t</i>	p	Correlação Semi-Parcial
Amostra	-.081	-.779	.438	-.073
Crime Convencional	.264	2.167	.033*	.202
Maltrato Infantil	-.070	-.606	.547	-.056
Vitimação Amigos	.048	.401	.689	.037
(...)				
Vitimação Sexual	-.277	-2.610	.011*	-.243
Testemunho (...)	.024	.208	.836	.019
Mãe	-.294	-2.510	.014*	-.234
Pai	.411	3.827	.000*	.357
Amigos	.227	2.161	.034*	.201

*p<.05

Análise do efeito de interação entre a qualidade da vinculação (parental e aos pares) e as experiências de vitimação sobre as crenças no amor romântico juvenil.

Neste objetivo está subjacente a ideia de um “efeito em cadeia”, i.e., uma ideia de que as experiências de vitimação exercem influência sobre a qualidade da vinculação parental, por sua vez influenciando a vinculação aos pares, terminando nas crenças face ao amor romântico. Estas análises realizaram-se por etapas, tendo em conta os resultados alcançados no primeiro objetivo, logo tendo sido utilizadas apenas as variáveis estatisticamente significativas (“pai” e “vitimação sexual”), no sentido de se testar um efeito de mediação.

Para tal testou-se um modelo de mediação de acordo com a metodologia proposta por Baron e Kenny (1986) através de uma regressão linear simples, a fim de se testar o efeito da vitimação sexual (variável independente e preditora) sobre a qualidade da vinculação ao pai (variável dependente e mediadora), porém não foram encontrados resultados estatisticamente significativos tanto para a significância global do modelo como para a influência da variável independente por si só, ou seja, a variável independente e preditora não exerceu efeito sobre a variável mediadora, assim os seguintes passos não poderão ser concretizados neste modelo.

Análise da comparação das médias totais obtidas nos instrumentos entre jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em CE e os jovens da população normativa

Neste último objetivo foi utilizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney, na medida em que as variáveis em estudo não cumpriram o pressuposto da normalidade. Respeitante às experiências de vitimação, esta análise apenas se revelou estatisticamente significativa para o módulo ou área “testemunho e vitimação indireta” ($z=-2.968$, $p=.003$), apresentando-se a média dos jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em CE de ($M= 4.09$; $DP= 1.975$) e dos jovens da população geral ($M= 2.97$; $DP= 1.627$).

Para as variáveis relativas à qualidade da vinculação parental e aos pares foi uma vez mais realizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney, e neste caso não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as médias das subescalas “mãe”, “pai” e “amigos”. Para as variáveis relativas às crenças face ao amor romântico foi novamente realizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as médias das subescalas “o amor supera tudo”, “cara-metade” e “idealização”. A média pontuação total da escala RBS, ou a média de todas as crenças face ao amor romântico, tratou-se da única variável que cumpriu o pressuposto da normalidade, por isso realizou-se o teste *t de student* não se encontrando diferenças estatisticamente significativas.

Discussão

É importante referir primeiramente a escassez de investigações que combinam as variáveis estudadas especialmente em populações delinquentes, por isso todos os resultados dos estudos originais que permitem comparar as médias das pontuações obtidas nestes instrumentos reportam somente para resultados da população geral.

Iniciando com a comparação entre as médias da qualidade da vinculação (parental e aos pares) com as médias do estudo original de Armsden (1986), os seus valores apresentaram-se como muito semelhantes aos da investigação em questão, revelando que tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino a qualidade da vinculação é maior, por esta ordem, aos pares, mãe e pai.

Através destes resultados é possível remeter-se para a ideia da transferência sequencial das componentes da vinculação parental (ou outro cuidador principal) – manutenção ativa da proximidade, utilizar o outro como porto-seguro e como uma base segura – para o desenvolvimento de novas vinculações com os pares (ou outras figuras potenciais de vinculação) (Hazan & Shaver, 1987; 1994). Passando grande parte do seu tempo com estas figuras, os pares ou amigos mais chegados são compreendidos como as fontes primárias de orientação, formação de opiniões e apoio social, e quanto mais tempo é gasto com estes as suas opiniões podem moldar criticamente o pensamento e tomada de decisão dos indivíduos (Ponti, Guarnieri, Smorti, & Tani, 2010).

Quanto à comparação da presença de experiências de vitimação, o estudo de Finkelhor e colegas (2005) que procurou avaliar a utilidade e performance do JVQ, o qual não foi aplicado na versão de autorrelato, mas sim no formato de entrevista telefónica a uma amostra de 2.030 crianças e jovens, concluiu que 71% da amostra reportou pelo menos ter sido vítima de um tipo de crime no último ano, com uma média de 2.63 vitimações, por comparação a uma média de 9.54 de vitimações na amostra da presente investigação, pese embora as dimensões de ambas as amostras tenham especial importância para a diferença de resultados, e/ou tipo de população que a compõe.

Finalmente, o desenvolvimento da escala RBS (Sprecher & Metts, 1989) que permitiu aferir sobre as crenças no amor romântico numa população de estudantes universitários (de ambos os sexos), indicou valores similares tanto para a média total do instrumento como para as subescalas correspondentes, sendo que a crença com maior pontuação, coincidindo com os resultados deste estudo, foi “o amor supera tudo”. Por um lado, pode ser considerada uma crença excessivamente idealista sobretudo na fase da adolescência, argumentando-se que sendo este tipo de relacionamentos novos e

experimentais, as representações destes na adolescência podem ser mais limitadas do que as de um adulto, o qual está equipado com a experiência necessária para articular e clarificar o seu sistema de crenças específico (Furman & Simon, 1999).

Análise dos Objetivos

Partindo para a análise do primeiro objetivo, propôs-se que a variação nas crenças face ao amor romântico pudesse ser explicada pela qualidade da vinculação (parental e aos pares) e pelas experiências de vitimação da população juvenil. Como tal, a hipótese sugerida seria que as crenças dos adolescentes/jovens variassem positivamente se a qualidade da vinculação fosse segura e se não tivessem sofrido experiências de vitimação, contrariamente esperando-se que estas crenças fossem afetadas negativamente se a qualidade da vinculação fosse insegura e tivessem sofrido experiências de vitimação.

Esta hipótese foi parcialmente confirmada, no sentido de que somente a qualidade da vinculação ao pai e a vitimação sexual apresentaram resultados estatisticamente significativos. Relativamente à qualidade da vinculação ao pai, apesar de existir literatura que saliente o cuidado extraordinário que o progenitor é capaz de fornecer à criança, a tendência é para considerar que o laço a este está menos enraizado do que aquele que é gerado com a mãe (Ainsworth, 1985), no entanto o seu papel tem apresentado fortes resultados como preditor do ajustamento da criança, e ambos continuam a constituir a principal fonte de apoio emocional à medida que exploram o meio (Wilkinson, 2010).

Ainda assim, recordando o estudo de Apostolidou (2006) a correlação entre a vinculação à mãe e a ansiedade e controlo sugere que o sexo masculino que se recorde de uma mãe controladora reporta mais ansiedade nas relações de intimidade, o mesmo não acontecendo com a vinculação ao pai, mas sim para o sexo feminino, ainda assim as lembranças da infância de um pai controlador provocam, por seu turno, evitamento neste tipo de relacionamentos.

Recentemente, o pai é encarado como uma figura que fornece conhecimento e conselhos, assim como novas experiências simultaneamente enquanto serve de companheiro durante estas experiências (Grossmann, Grossmann, Fremer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch, & Zimmermann, 2002), e com efeito podemos argumentar que neste resultado possa estar presente um efeito de necessidade de identificação com o pai para adquirir a masculinidade (Brittan, 1989, citado por Pease, 2000), concluindo-

se que uma qualidade de vinculação ao pai segura afeta positivamente o nível de ideologia romântico.

Além da contribuição da qualidade da vinculação ao pai, a presença de experiências de vitimação sexual permitiu concluir que o nível de ideologia romântico será menos positivo. Indo de encontro com o estado da arte, as vítimas adolescentes de abuso sexual sentem-se menos capazes de formar relacionamentos satisfatórios tanto com o grupo de pares, amigos e potenciais parceiros românticos (Feiring, Rosenthal, & Taska, 2000). É esperado que estas vítimas sintam uma maior inibição em se darem a conhecer ao outro, tendo, por isso, uma menor rede de amizades e sentindo-se menos competentes para as amizades e para o romance (Feiring, Rosenthal, & Taska, 2000).

A literatura sobre a vitimação sexual no sexo masculino não é tão explorada como para o sexo feminino, no entanto algumas investigações com adolescentes permitem ir de encontro com o que o que tem sido mencionado até agora, traduzindo-se na dificuldade em confiar no outro e em lidar com as emoções e com os relacionamentos interpessoais (Bogin, 2006).

Apesar da qualidade da vinculação ao progenitor e da vitimação sexual terem sido unicamente as variáveis preditoras no ideal de romanticismo total, a qualidade da vinculação ao pai e aos pares, e o crime convencional serviram para influenciar a crença romântica “idealização” no sentido positivo, ao contrário da qualidade da vinculação à mãe, cuja influência verificou-se no sentido negativo. É de mencionar, antes de mais, a escassez de literatura relativamente a crenças no amor romântico singulares e, em menor dimensão, relacionando-se com o crime convencional, não se esperando que esta variável por si só pudesse influenciar o suficiente a ponto de causar repercussões no ideal romântico de amor.

Todavia, salienta-se, uma vez mais, o efeito positivo da qualidade da vinculação ao pai e ao grupo de pares ou amigos. Por um lado, possivelmente até aumentando esta crença de que o amor pode ser idealizado como aquele que os pais têm ou porque a sua vinculação segura e identificação ao pai permite acreditar que existe a possibilidade de um amor verdadeiro e perfeito. Assim, a qualidade de uma vinculação parental segura pode desenvolver no futuro homens seguros que forneçam um maior apoio emocional às suas companheiras, demonstrando maior preocupação pelo seu bem-estar (Belsky, 1997).

Por seu turno, a vinculação segura a um cuidador é preditiva do comportamento socialmente competente com os pares (Bauminger, Finzi-Dottan, Chason, & Har-Evan,

2008). O fato de estarem inseridos numa rede de pares do sexo oposto é benéfico para conhecerem potenciais parceiros, na medida em que esses pares também estão inseridos em outros grupos com pares do sexo oposto, sendo possível que estes adolescentes consigam traduzir as competências sociais adquiridas nestes grupos íntimos para o contexto romântico heterossexual (Connolly, Furman, & Konarski, 2000). Não é por acaso que alguns investigadores na área da amizade concluem que estes relacionamentos servem propósitos fundamentalmente socio-emocionais, e o amor romântico até pode resultar da combinação entre a amizade com o desejo sexual, devendo ser expandido para incluir outro tipo de relacionamentos que desempenham um importante papel, especialmente as relações familiares e as amizades (Berscheid, 2010).

No que diz respeito à análise do segundo objetivo, relativo ao efeito da interação entre a qualidade da vinculação (parental e aos pares) e as experiências de vitimação sobre as crenças no amor romântico, através do modelo de mediação proposto por Baron e Kenny (1986), recordando-se as seguintes hipóteses:

1. Os adolescentes/jovens cuja percepção da vinculação (parental e aos pares) é segura e não tenham sofrido experiências de vitimação revelam ter crenças no amor romântico positivas;
2. Os adolescentes/jovens cuja percepção da vinculação (parental e aos pares) é segura revelam ter crenças no amor romântico positivas;
3. Os adolescentes/jovens que não tenham sofrido experiências de vitimação revelam ter crenças no amor romântico positivas.

Contudo este efeito não foi verificado e as subsequentes hipóteses não foram confirmadas apelando-se ao fato de que os resultados não foram significativos e elevados na sua totalidade, esperando-se que ambas as variáveis tivessem produzido um efeito e peso maior no romanticismo total. Ademais não existiram diferenças estatisticamente significativas entre a população operacionalizada como delinquente e a população geral, ao contrário do que era expectável na literatura, podendo-se considerar a dimensão da amostra ou até alguma desejabilidade social nas respostas, ou até mesmo pela compreensão das questões.

O terceiro e último objetivo da investigação é o de comparar a qualidade da vinculação (parental e aos pares), a presença de experiências de vitimação, e as crenças no amor romântico entre ambas as populações, com base nas seguintes hipóteses:

1. Os adolescentes/jovens da população geral percebem a sua vinculação (parental e aos pares) como mais segura, por oposição aos

adolescentes/jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em CE;

2. Os adolescentes/jovens da população geral não sofreram ou sofreram em menor gravidade experiências de vitimação, por oposição aos adolescentes/jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em CE;
3. Os adolescentes/jovens da população geral revelam crenças no amor romântico mais positivas do que os adolescentes/jovens a cumprir uma medida tutelar educativa de internamento em CE.

Somente a variável “testemunho e vitimação indireta” ressaltou, confirmando parcialmente a segunda hipótese. Para a justificação desta hipótese encontramos na literatura a questão da exposição à violência em meio doméstico e não só, reforçando que as crianças expostas à violência sofrem de danos duradouros físicos, mentais e emocionais, dificultando a vinculação, e resultando em comportamentos regressivos, problemas de conduta e agressão, ansiedade e depressão, encontrando-se mais propensos à violência no namoro, delinquência, e envolvimento com sistemas da justiça juvenil (Finkelhor, Turner, Ormrod, Hamby, & Kracke, 2009).

Além deste historial de fatores de risco, as experiências violentas no espaço doméstico propiciam ao aparecimento dos “jovens de rua”, educando-os a recorrer ao uso da força para a resolução de disputas e fornecem regras culturais que apoiam a violência, como tal as pesquisas indicam que estes jovens terão cursos de vida forjados através de experiências violentas (Baron, 2003), podendo testemunhar mais facilmente crimes a terceiros.

As pesquisas reportam ainda uma elevada prevalência de abuso infantil nestes grupos, salientando-se que grande parte destes jovens que passam a viver nas ruas viviam em ambientes violentos que ultrapassam as suas próprias experiências de vitimação (Baron, 2003). Ademais, estar-se exposto à violência pode prejudicar a capacidade futura para encontrar um parceiro e exercer a parentalidade, continuando até os ciclos de violência nas gerações seguintes (Finkelhor et. al, 2009).

Considera-se que os resultados no geral não foram estatisticamente significativos essencialmente devido a questões metodológicas, quer devido aos instrumentos aplicados quer devido à dimensão da amostra, sobretudo da subamostra da população operacionalizada como delinquente, além do mais na população geral poderiam constar

participantes que pudessem ser incluídos na subamostra da delinquência. Por outro lado, a própria recolha dos dados poderá ter afetado a significância dos dados.

Não deixando de todos os instrumentos apontar boas qualidades psicométricas, talvez o Juvenile Victimization Questionnaire devesse abordar com maior especificidade as experiências de vitimação, explorando-se até com maior detalhe os perpetuadores destas experiências e o grau de relacionamento, pelo menos na versão de autorrelato, pois o formato de entrevista é mais pormenorizado e permite uma avaliação profunda, ainda assim não deixam de ressaltar os tipos de vitimação mais frequentes. Por outro lado, as crenças no amor romântico operacionalizadas pelo Romantic Beliefs Scale podem ser consideradas um tanto ou quanto idealistas no tempo atual, mas continuando a fazer parte de um sistema de crenças sobretudo ocidental.

Numa análise dos objetivos, é possível que a qualidade da vinculação ao progenitor tenha-se revelado como uma variável preditora nas crenças face ao amor romântico em jovens sobretudo por uma questão de identificação de género, especialmente no que concerne aos relacionamentos íntimos heterossexuais, funcionando esta figura como um modelo que deve ser seguido no futuro, contudo a literatura específica ao progenitor é menor em comparação àquela que é relativa à progenitora. Sob outro olhar, a vinculação aos pares está a crescer, precisamente porque já se entende que o tempo que com estes é passado é cada vez maior do que com os pais, isto é, quase que é possível tomarmos as suas crenças como nossas, logo se as suas crenças românticas forem negativas, as nossas muito provavelmente também o serão, ainda para mais se combinarmos um historial de vitimação e uma qualidade de vinculação parental insegura.

Conclusão

Durante o período de adolescência surgem os conflitos internos, as aparências, a identidade sexual e as experiências românticas passam a ser motivo de preocupação (Bogin, 2006). As crenças românticas abrangem uma orientação individual relativamente coerente sobre o amor que pode funcionar como um esquema cognitivo organizacional e de avaliação do seu próprio comportamento e do comportamento do parceiro romântico (Montgomery, 1992).

Estes relacionamentos são, por vezes, de curta duração e muitos adolescentes não terão um relacionamento num determinado espaço de tempo (Feiring & Furman, 2000), porém a qualidade da vinculação é fundamental para a formação de relacionamentos saudáveis (Hayslett-McCall & Bernard, 2002), e esta tem por base a ideia de que os jovens adultos que tenham uma representação geral segura acerca das experiências de vinculação estão mais propensos a explorar os relacionamentos adultos e a comprometer-se com sucesso em novos relacionamentos (Fraley & Davis, 1997), pois a figura de vinculação serve como base segura pela qual o indivíduo se sente seguro para explorar e dominar o meio (Feeney & Noller, 1996).

As vinculações promovem efetivamente um funcionamento saudável em todas as idades, servindo para amortecer os indivíduos contra os obstáculos da vida (Hazan & Zeifman, 1994), não esquecendo o papel dos pares, pois o contexto entre pares é, para a maior parte dos adolescentes, a primeira “arena” na qual o stress emocional e os desafios ocorrem (Allen & Miga, 2010).

A saliência emocional dos relacionamentos tanto com os pais como com os pares é estável durante a adolescência (Furman & Wehner, 1994), mas é certo que as amizades levam sobretudo a experienciar sensações positivas fortes, felicidade, ligando-se à saúde física e mental, e importantemente actuando na prevenção da solidão (Pinto, 2009). Reforça-se que os progenitores não são colocados de parte enquanto figuras de vinculação, porém o seu lugar na hierarquia das figuras de vinculação, em relação ao lugar dos pares, altera-se com naturalidade (Hazan & Shaver, 1994).

Mesmo assim, as relações românticas são ajustadas, pelo menos até certo grau, de acordo com as características de relacionamentos prévios importantes na rede do indivíduo (Connolly & Johnson, 1996), ao mesmo tempo não se espera que os relacionamentos românticos sejam meras replicações de outros precisamente porque as características qualitativas destes diferem tipicamente daqueles com os progenitores ou pares, não obstante uma panóplia de resultados que implicam que a formação de

experiências românticas alicerçam-se nas experiências familiares durante a infância e adolescência na segunda e terceira década da vida (Furman & Collins, 2007).

Não descurando das consequências emocionais e psicológicas a curto e longo prazo para quem tenha sofrido de crimes violentos, interferindo com a qualidade da sua vida no geral (Dignan, 2005), conduzindo a experiência de vitimação aos estigmas infelizes, sendo necessário considerar os processos interpessoais que melhor explicarão que jovens estão em maior situação de risco de uma variedade de problemas nos seus relacionamentos românticos (Feiring & Furman, 2000).

Uma vez que nenhum modelo em particular foi replicado, daí constituindo-se um tema um tanto ou quanto inovador, pela conjugação de variáveis, para futuras investigações sugere-se testar estes objetivos relacionado os estilos de vinculação ao invés da vinculação separada à mãe, pai e amigos, utilizando os mesmos ou outros instrumentos, tentando-se porventura averiguar a estabilidade da vinculação para melhor compreender o amor nestas dinâmicas adolescentes, bem como abranger um leque de experiências de vitimação maior e qual o peso sobre a ideologia do amor.

Propõe-se até o estudo do efeito separado da qualidade da vinculação sobre as crenças face ao amor juvenil e das experiências de vitimação sobre as crenças face ao amor juvenil. Outra sugestão poderá estar relacionada com um possível desenvolvimento ou utilização de uma escala de crenças no amor romântico que se centre num levantamento de novas ideologias românticas, mais adaptadas à atualidade juvenil.

Importa referir que a fase da adolescência e o que nela acontece de positivo ou negativo poderá ter impacto a longo-prazo, embora se assuma frequentemente que com o passar dos anos o nível de maturidade permitirá “apagar” experiências menos boas, contudo nem todos os indivíduos predispõe dos mecanismos necessários para ultrapassar determinadas situações, e como tal o estudo cada vez mais pormenorizado das experiências na adolescência poderá permitir uma intervenção por sua vez ainda mais eficaz e apropriada, essencialmente não só com os adolescentes em si, mas também apostando na investigação e posterior intervenção com os progenitores, pois o problema maior não reside somente no mundo exterior.

Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40(4), 969-1025. . doi:10.1111/j.1467-8624.1969.tb04561.x
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S. (1985). Attachments across the life span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 792-812. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1911889>
- Alberto, I. M. (2006). *Maltrato e Trauma na Infância*. Coimbra: Almedina.
- Allen, J. P., & Miga, E. M. (2010). Attachment in adolescence: A move to the level of emotion regulation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(2), 181-190. doi:10.1177/0265407509360898
- American Psychological Association (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- Ansbro, M. (2008). Using attachment theory with offenders. *The Journal of Community and Criminal Justice*, 55(3), 231-244. doi:10.1177/0264550508092812
- Apostolidou, Z. (2006). Are childhood experiences with parents linked to feelings in romantic relationships during adulthood? *The New Psychology Bulletin*, 4(1). 63-85.
- Armsden, G. G. (1986). *Attachment to parents and peers in late adolescence: Relationships to affective status, self-esteem and coping with loss, threat and challenge*. Doctoral Dissertation. Washington: University of Washington.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-454. doi:10.1007/BF02202939
- Atwood, J. D. (2007). When love hurts: Preadolescent girls' reports of incest. *The American Journal of Family Therapy*, 35(4), 287-313. doi:10.1080/01926180701389644
- Azevedo, M. C., & Maia, A. C. (2006). *Maus-tratos à Criança*. Climepsi Editores: Lisboa.

- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173-1182. doi:10.1037/0022-3514.51.6.1173
- Baron, S. W. (2003). Street youth violence and victimization. *Trauma, Violence, & Abuse*, 4(1), 22-44. doi:10.1177/1524838002238944
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244. doi:10.1037//0022-3514.61.2.226
- Bascoe, S. M., Davies, P. T., Sturge-Apple, M. L., & Cummings, E. M. (2009). Children's representations of family relationships, peer information processing, and school adjustment. *Developmental Psychology*, 45(6), 1740-1751. doi:10.1037/a0016688
- Bauminger, N., Finzi-Dottan, R., Chason, S., Har-Evan, D. (2008). Intimacy in adolescent friendship: The roles of attachment, coherence, and self-disclosure. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(3), 409-428. doi:10.1177/0265407508090866
- Belsky, J (1997). Attachment, mating, and parenting: An evolutionary interpretation. *Human Nature*, 8(4), 361-381. doi:10.1007/BF02913039
- Ben-David, S., & Goldberg, I. (2008). The relationship of childhood, victimization, drug abuse and PTSD to adult delinquency in a prison population. In N. Ronel, K. Jaishankar, & M. Bensimon (Eds.), *Trends and Issues in Victimology* (pp. 205-221). Newcastle: Cambridge Scholar Publishing.
- Berscheid, E. (2010). Love in the fourth dimension. *Annual Review of Psychology*, 61(1), 1-25. doi:10.1146/annurev.psych.093008.100318
- Binder, A. (1988). Juvenile delinquency. *Annual Review of Psychology*, 39, 253-282. doi:10.1146/annurev.ps.39.020188.001345
- Black, B. M, & Weisz, A. N. (2003). Dating violence: Help-seeking behaviors of african american middle schoolers. *Violence Against Women*, 9(2), 187-206. doi:10.1177/107780120223900
- Blume, E. S. (1985-2004). *The Incest Survivor's Aftereffects Checklist*. New York: Random House Publishing Group. Disponível em <http://www.bearingthroughit.org/ChecklistJuly2004.pdf>

- Boers, K., Reinecke, J., Sedding, D., & Mariotti, L. (2010). Explaining the development of adolescent and violent delinquency. *European Journal of Criminology*, 7(6), 499-520. doi:10.1177/1477370810376572
- Bogin, G. Y. (2006). Out of the darkness: Male adolescents and the experience of sexual victimization. *School Social Work Journal*, 30(2), 1-21. Disponível em <http://www.csun.edu/~mg640721/Fall%2006/research4501-2/dsv.pdf>
- Bollmer, J. M., Milich, R., Harris, M. J., & Maras, M. A. (2005). A friend in need: The role of friendship quality as a protective fator in peer victimization and bullying. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(6), 701-712. doi:10.1177/088626050427289
- Briere, J., Johnson, K., Bissada, A., Damon, L., Crouch, J., Gil, E., Hanson, R., & Ernst, V. (2001). The Trauma Symptoms Checklist for Young Children (TSCYC): Reliability and association with abuse exposure in a multi-site study. *Child Abuse & Neglect*, 25, 1001-1014. doi:10.1016/S0145-2134(01)00253-8
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A Natureza do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (1999). Missing the love boat: Why researchers have shied away from adolescent romance. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 1-18). New York: Cambridge University Press.
- Buist, K. L., Dekovic, M., Meeus, W. H., & van Aken, M. A. G. (2004). Attachment in adolescence: A Social Relations Model analysis. *Journal of Adolescent Research*, 19(6), 826-850. doi:10.1177/0743558403260109
- Canha, J. (2008). A criança vítima de violência. In C. Machado & R. Abrunhosa Gonçalves (Coord.), *Violência e Vítimas de Crimes: Crianças* (pp. 17-40). Quarteto: Coimbra.
- Capaldi, D. M., & Clark, S. (1998). Prospective family predictors of aggression toward female partners for at-risk young men. *Developmental Psychology*, 34(6), 1175-1188. doi:10.1037/0012-1649.34.6.1175
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(14), 485-493. doi:10.14417/ap.541

- Caron, A., Lafontaine, M., Bureau, J., Levesque, C., & Johnson, S. M. (2012). Comparisons of close relationships: An evaluation of relationship quality and patterns of attachment to parents, friends, and romantic partners in young adults. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 44(4), 245-256. doi:10.1037/a0028013
- Carr, M. B., & Vandiver, T. A. (2001). Risk and protective factors among youth offenders. *Adolescence*, 36(143), 409-426.
- Cashmore, J., & Shackel, R. (2013). The long-term effects of child sexual abuse. *Child Family Community Australia*, 11, 1-29. Disponível em <https://www3.aifs.gov.au/cfca/publications/long-term-effects-child-sexual-abuse>
- Cauuffman, E. (2008). Understanding the female offender. *The Future of Children: Juvenile Offenders*, 18(2), 119-142. doi:10.1353/foc.0.0015
- Chen, X. (2009). The linkage between deviant lifestyles and victimization: An examination from a life course perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(7), 1083-1110. doi:10.1177/0886260508322190
- Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp.125-147). New York: Cambridge University Press.
- Collins, W. A. (2003). More than a myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13(1), 1-24. doi:10.1111/1532-7795.1301001
- Connolly, J., Furman, W., & Konarski, R. (2000). The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. *Child Development*, 71(5), 1395-1408. doi:10.1111/1467-8624.00235
- Connolly, J. A., & Johnson, A. M. (1996). Adolescent's romantic relationships and the structure and quality of their close interpersonal ties. *Personal Relationships*, 3(2), 185-195. doi:10.1111/j.1475-6811.1996.tb00111.x
- Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (1999). Conceptions of cross-sex friendships and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(4), 481-499.

- DeMatteo, D., & Marczyk, G. (2005). Risk factors, protective factors, and the prevention of antisocial behavior among juveniles. In K. Heilburn, N. E. Goldstein, & R. Redding (Eds.), *Juvenile Delinquency: Prevention, Assessment, and Intervention* (pp. 19-44). New York: Oxford University Press.
- Deutsch, A. R., Crockett, L. J., Wolff, J. M., & Russell, S. T. (2012). Parent and peer pathways to adolescent delinquency: Variations by ethnicity and neighborhood context. *Journal of Youth Adolescence*, 41, 1078-1094. doi:10.1007/s10964-012-9754-y
- Dias, A. R., Manita, C., Gonçalves, R. A., & Machado, C. (2012). Relações de intimidade juvenis e adultas, uma análise comparativa: Das narrativas de amor às conjugalidades violentas. *Psicologia*, 26(1), 63-89. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/70875/2/92241.pdf>
- Dignan, J. (2005). *Understanding Victims and Restorative Justice Maidenhead*. England: Open University Press.
- Dwyer, K. M., Fredstrom, B. K., Rubin, K. H., Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K. B. (2010). Attachment, social information, processing, and friendship quality of early adolescent girls and boys. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(1), 91-116. doi:10.1177/0265407509346420
- English, D. J., Widom, C. S., & Brandford, C. (2002). Childhood victimization and delinquency, adult criminality, and violent behavior: A replication and extension. *National Institute of Justice: U.S. Department of Justice*.
- Erickson, M. F., & Egeland, B. (2004). Linking theory and research to practice: The Minnesota Longitudinal Parents and Children and the STEEP program. *Clinical Psychologist*, 8(1), 5-9. doi:10.1080/13284200410001672207
- Farrington, D. P. (2002). Developmental criminology and risk-focused prevention. In M. Maguire, R. Morgan, & R. Reiner (Eds.), *The Oxford Handbook of Criminology* (pp. 657-701). Oxford: Oxford University Press.
- Farrington, D. P. (2007). Origins of violent behavior over the life span. In D. J. Flanery, A. T. Vazsonyi, & I. D. Waldman (Eds.), *The Cambridge Handbook of Violent Behavior and Aggression* (pp. 19-48). Cambridge: Cambridge University Press.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality*, 58(2), 281-291. doi:10.1037/0022-3514.58.2.281

- Feeney, J. A., & Noller, P. (1996). *Adult Attachment*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.
- Feeney, J. A. (1999). Adult Romantic Attachment and Couple Relationships. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (pp. 355-377). New York: Guilford Press.
- Feiring, C., & Furman, W. C. (2000). When love is just a four-letter word: Victimization and romantic relationships in adolescence. *Child Maltreatment*, 5(4), 293-298. doi:10.1177/1077559500005004001
- Feiring, C., Rosenthal, S., & Taska, L. (2000). Stigmatization and the development of friendship and romantic relationships in adolescent victims of sexual abuse. *Child Maltreatment*, 5(4), 311-322. doi:10.1177/1077559500005004003
- Figueiredo, B., Fernandes, E., Matos, R., & Maia, A. (2003). Maus tratos na infância: Trajetórias desenvolvimentais e intervenção psicológica na idade adulta. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e Vítimas de Crimes* (Vol. 1 – Adultos) (pp. 163-210). Coimbra: Quarteto Editora.
- Finkelhor, D., Hamby, S. L., Ormrod, R., & Turner, H. (2005). The Juvenile Victimization Questionnaire: Reliability, validity, and national norms. *Child Abuse & Neglect*, 29, 383-412. doi:10.1016/j.chiabu.2004.11.001
- Finkelhor, D., Turner, H., Ormrod, R., Hamby, S., & Kracke, K. (2009). *Children's Exposure to Violence: A Comprehensive National Survey*. U. S. Department of Justice: Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- Flanagan, A. S., & Furman, W. C. (2000). Sexual victimization and perceptions of close relationships in adolescence. *Child Maltreatment*, 5(4), 350-359. doi:10.1177/1077559500005004006
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., Thomas, G., & Giles, L. (1999). Ideals in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 72-89. doi:10.1037/0022-3514.76.1.72
- Fosco, G. M., & Grych, J. (2010). Adolescent triangulation into parental conflicts: Longitudinal implications for appraisals and adolescent-parent relations. *Journal of Marriage and Family*, 72(2), 254-266. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00697.
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, W. D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child Development*, 62, 210-225.

- Fraley, R. C., & Davis, K. E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4(2), 131-144. doi:10.1111/j.1475-6811.1997.tb00135.x
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1994). Romantic views: Toward a theory of adolescent relationships. In R. Montemayor, G. R. Adams, & G. P. Gullota (Eds.), *Advances in Adolescent Development: Relationships during Adolescence* (pp. 168-195). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. In S. Shulman & W. A. Collins (Eds.), *Romantic Relationships in Adolescence: Developmental Perspectives* (pp. 21-36). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Furman, W. (1999). Friends and lovers: The role of peer relationships in adolescent romantic relationships. In W. A. Collins, & B. Laursen (Eds.), *Relationships as Developmental Contexts: The 30th Minnesota Symposia on Child Development* (pp. 133-154). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Furman, W., & Simon, V. A. (1999). Cognitive representations of adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 75-98). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Furman, W., & Collins, W. A. (2007). Adolescent romantic relationships and experiences. In K. H. Rubin, W. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of Peer Interactions, Relationships, and Groups* (pp. 341-360). New York: Guilford Press.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1984/1985/1996). *Adult Attachment Interview*. Manuscrito não publicado, Departamento da Psicologia, Universidade da Califórnia, Berkeley.
- Gervai, J. (2009). Environmental and genetic influences on early attachment. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 3(25), 1-12. doi:10.1186/1753-20003-25
- Giordano, P. C., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2006). Gender and the meanings of adolescent romantic relationships: A focus on boys. *American Sociological Review*, 71, 260-287. doi:10.1177/000312240607100205
- Gleitman, H., Fridlund, A. J., & Reisberg, D. (2011). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Godbout, N., Dutton, D. G., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2009). Early exposure to violence, domestic violence, attachment representations, and marital adjustment. *Persoanal Relationships*, 16, 365-384.
- Gomes, V. (1995). Delinquência juvenil, polícia e justiça. In D. Silva, J. Barroso, J. Cóias, & R. Costa (Orgs.), *Os Jovens e a Justiça* (pp. 57-76). Lisboa: APPORT.
- Gorrese, A., & Ruggieri, R. (2012). Peer attachment: A meta-analytic review of gender and age differences and associations with parent attachment. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, 650-672. doi:10.1007/s10964-012-9759-6
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11(3), 307-331.
- Guendeney, N., & Guendeney, A. (2002). *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Harlow, H. F. (1958). The nature of love. *American Psychologist*, 13, 673-685.
Disponível em <http://homepage.psy.utexas.edu>
- Hayslett-Mccall, K. L., & Bernard, T. J. (2002). Attachment, masculinity, and self-control: A theory of male crime rates. *Theoretical Criminology*, 6(1), 5-33. doi:10.1177/136248060200600101
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22. doi:10.1207/s15327965pli0501_1
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. *Advances in Personal Relationships*, 5, 151-177.
- Hendrick, C., Hendrick, S., & Dickie, A. (1998). The Love Attitudes Scale: Short form. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(2), 147-159.
- Hewlett, B. S. (1989). The cultural nexus of Aka father-infant bonding. *Natural History*, 10, 8-16. Disponível em <http://anthro.veancouver.wsu.edu>
- Hoeve, M., Stams, G. J., Van der Put, C. E., Dubas, J. S., Van der Laan, P. H., & Gerris, J. R. (2012). A meta-analysis of attachment to parents and delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 40, 771-785. doi:10.1007/s10802-011-9608-1

- Karmen, A. (2013). *Crime Victims: An Introduction to Victimology*. California: Wadsworth Cengage Learning.
- Kazdin, A. E., & Buela-Casal, G. (2001). *Conduta Anti-Social: Avaliação, Tratamento e Prevenção na Infância e na Adolescência*. Lisboa: McGraw-Hill
- Kielen, K. K. (1998). Developmental and social antecedents of stalking. In J. R. Meloy (Ed.), *The Psychology of Stalking: Clinical and Forensic Perspectives* (pp. 52-69). Academic Press: London.
- Kinsfogel, K. M., & Grych, J. H. (2004). Interparental conflict and adolescent dating relationships: Integrating cognitive, emotional, and peer influences. *Journal of Family Psychology*, 18(3), 505-515. doi:10.1037/0893-3200.18.3.505
- Laible, D. J., Carlo, G., & Raffaelli, M. (2000). The differential relations of parent and peer attachment to adolescent adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(1), 45-59. doi:10.1023/A:1005169004882
- Lansford, J. E., Criss, M. M., Pettit, G. S., Dodge, K. A., & Bates, J. E. (2003). Friendship quality, peer group affiliation, and peer antisocial behavior as moderators of the link between negative parenting and adolescent externalizing behavior. *Journal of Research on Adolescence*, 13(2), 161-184. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2832223/>
- Leadbeater, B. J., Banister, E. M., Ellis, W. E., & Yeung, R. (2008). Victimization and relational aggression in adolescent romantic relationships: The influence of parental and peer behaviors, and individual adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 359-372. doi:10.1007/s10964-007-9269-0
- Leal, M. L. (1999). *A Exploração Sexual Comercial de Meninos, Meninas e Adolescentes na América Latina e Caribe*. Brasília: CECRIA.
- Levesque, R. J. (1993). The romantic experience of adolescents in satisfying love relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(3), 219-251. doi:10.1007/BF01537790
- Lewis, D. O., Mallouh, C., & Webb, V. (1989). Child abuse, delinquency, and violent criminality. In D. Cicchetti & V. Carlson (Eds.), *Child Maltreatment: Theory and Research on the Causes and Consequences of Child Abuse and Neglect* (pp. 707-721). Cambridge University Press: Cambridge
- Lisak, D. (1994). The psychological impact of sexual abuse: Content analysis of interviews with male survivors. *Journal of Traumatic Stress*, 7(4), 525-548. doi:10.1002/jts.2490070403

- Lowenthal, B. (1998). The effects of early childhood abuse and the development of resiliency. *Early Child Development and Care*, 142(1), 43-52. doi:10.1080/0300443981420105
- Machado, C., Gonçalves, M., & Vila-Lobos, J. (2008). Crianças expostas a múltiplas formas de violência. In C. Machado & R. Abrunhosa Gonçalves (Coord.), *Violência e Vítimas de Crimes: Crianças* (pp. 129-162). Quarteto: Coimbra.
- Malik, S., Sorenson, S. B., & Aneshensel, C. S. (1997). Community and dating violence among adolescents: Perpetration and victimization. *Journal of Adolescent Health*, 21(5), 291-302. doi:10.1016/S1054-139X(97)00143-2
- Martins, A. M., & Carvalho, M. (2007). Violência sexual contra crianças e jovens na atualidade. *Universitas, Tarraconensis, Revista de Ciències de L'Éducació, III Època*, 7-22.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97-126. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a06>
- Matos, M. G., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). Definição do problema e caracterização do fenómeno. In H. C. Filho & C. Ferreira-Borges (Coord.), *Violência, Bullying, e Delinquência* (pp. 29-33). Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674-701. Disponível em http://www.colorado.edu/ibs/jessor/psych7536-805/readings/moffitt-1993_674-701.pdf
- Montgomery, M. J. (1992). *Relationships Beliefs of Early and Middle Adolescents*. Dissertation in Home Economics. Texas: Texas Tech University.
- Nelis, S. M., & Rae, G. (2009). Brief report: Peer attachment in adolescents. *Journal of Adolescence*, 32, 443-447. doi:10.1016/j.adolescence.2008.03.006
- Pascuzzo, K., Cyr, C., & Moss, E. (2013). Longitudinal association between adolescent attachment, adult romantic attachment, and emotion regulation strategies. *Attachment and Human Development*, 15(1), 83-103. doi:10.1080/14616734.2013.745713
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B., & Ramsey, E. (1990). A developmental perspective on antisocial behavior. In M. Gauvain & M. Cole (Eds.), *Readings on the development of children* (pp. 263-271). NY: Freeman. Disponível em <http://www.psy.cmu.edu/~siegler/35patterson90.pdf>

- Pauli-Pott, U., Haverkock, A., Pott, W., & Beckmann, D. (2007). Negative emotionality, attachment quality, and behavior problems in early childhood. *Infant Mental Health Journal*, 28(1), 39-53. doi:10.1002/imhj.20121
- Pease, B. (2000). Beyond the father wound: Memory-work and the deconstruction of the father-son relationship. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 21(1), 9-15. doi:10.1002/j.1467-8438.2000.tb00405.x
- Pietromonaco, P. R., & Barrett, L. F. (2000). Attachment theory as an organizing framework: A view from different levels of analysis. *Review of General Psychology*, 4(2), 107-110. doi:10.1037//1089-2680.4.2.107
- Pinto, M. C. (2009). *Intimidade em Adolescentes de Diferentes Grupos Étnicos*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ponti, L., Guarnieri, S., Smorti, A., & Tani, F. (2010). A measure for the study of friendship and romantic relationship quality from adolescence to early-adulthood. *The Open Psychology Journal*, 3, 76-87. Disponível em <http://www.benthamopen.com/topsyj/articles/V003/76TOPSYJ.pdf>
- Posick, C. (2013). The overlap between offending and victimization among adolescents: Results from the second international self-report delinquency study. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 29(1), 106-124. doi:10.1177/1043986212471250
- Rankin, J. H., & Wells, L. E. (1990). The effect of parental attachments and direct controls on delinquency. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 27(2), 140-165. doi:10.1177/0022427890027002003
- Reis, H. T., Collins, W. A., & Berscheid, E. (2000). The relationship context of human behavior and development. *Psychological Bulletin*, 126(6), 844-872. doi:10.1037//0033-2909.126.6.844
- Regan, P. C. (2008). *The Mating Game: A Primer on Love, Sex, and Marriage*. Los Angeles: SAGE Publications, Inc. Disponível em http://www.sagepub.com/upm-data/3222_ReganChapter1_Final.pdf
- Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth-LaForce, C., Kim, A. H., Burgess, K. B., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 24(4), 326-356. doi:10.1177/0272431604268530

- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-273. doi:10.1037/h0029841
- Russell, B. L., & Oswald, D. L. (2002). Sexual coercion and victimization of college men: The role of love styles. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(3), 273-285. doi:10.1177/088626050201700300
- Rutter, M. (2004). Dos indicadores de risco aos mecanismos de causalidade: Análise de alguns precursos cruciais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento Anti-Social e Crime: Da Infância à Idade Adulta* (pp. 11-38). Coimbra: Almedina.
- Rygaard, N. P. (2006). A criança abandonada: Guia de tratamento das perturbações da vinculação. *Psicológica* (30). Lisboa: Climepsi Editores.
- Sani, A. I., & Almeida, T. (2011). Violência interparental: A vitimação indireta de crianças. In A. I. Sani (Coord.), *Temas de Vitimologia: Realidades Emergentes na Vitimação e Respostas Sociais* (pp. 11-34). Coimbra: Almedina.
- Sarwer, D. B., Kalichman, S. C., Johnson, J. R., Early, J., & Ali, S. A. (1993). Sexual aggression and love styles: An exploratory study. *Archives of Sexual Behavior*, 22(3), 265-275.
- Disponível em
http://download.springer.com/static/pdf/462/art%253A10.1007%252FBF01541771.pdf?auth66=1416507166_d866961575f52ae9760feb92628cffe&ext=.pdf
- Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010). Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: Implicações para a educação sexual. *Educação & Sociedade*, 31(110). 135-156.
- Scanlan, F., Bailey, A., & Parker, A. (2012). *Evidence Summary: Adolescent Romantic Relationships – Why are they important? And should they be encouraged or avoided?* Melbourne: Orygen Youth Health Research Center.
- Singer, S. I. (1981). Homogeneous victim-offender populations: A review and some research implications. *Journal of Criminal Law and Criminology*. 72(2), 779-788.
- Slep, A. M., & O’Leary, G. (2001). Examining partner and child abuse: Are we ready for a more integrated approach to family violence? *Clinical Child and Family Psychology Review*, 4(2), 88-107.
- Smith, J. P., & Williams, J. G. (1992). From abusive household to dating violence. *Journal of Family Violence*, 7(2), 153-165. doi:10.1007/BF00978703

- Soares, I., Martins, E. C., & Tereno, S. (2009). Vinculação na infância. In I. Soares (Coord.), *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (47-98). Braga: Psiquilíbrios.
- Somer, E., & Braunstein, A. (1999). Are children exposed to interparental violence being psychologically maltreated. *Aggression and Violent Behavior*, 4(4), 449-456.
- Sprecher, S., & Metts, S. (1989). Development of the "Romantic Beliefs Scale" and examination of the effects of gender and gender-role orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6, 387-411.
- Sprecher, S., & Metts, S. (1999). Romantic beliefs: Their influence on relationships and patterns of change over time. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(6), 834-851. doi:10.1177/0265407599166009
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. doi:10.1037/0033-295X.93.2.119
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335. doi:10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3<313::AID-EJSP824>3.0.CO;2-4
- Stiefel, I., Harris, P., & Rohan, J. A. (1998). Object relations family therapy: Articulating the inchoate. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 19(2), 55-62
- Stronach, E. P., Toth, S. L., Rogosch, F., Oshri, A., Manly, J. T., & Cicchetti, D. (2011). Child maltreatment, attachment security, and internal representations of mother and mother-child relationships. *Child Maltreatment*, 16(2), 137-145. doi:10.1177/1077559511398294
- Suess, G. J., Grossmann, K. E., & Sroufe, L. A. (1992). Effects of infant attachment to mother and father on quality of adaptation in preschool: From dyadic to individual organisation of self. *International Journal of Behavioral Development*, 15(1), 43-65. doi:10.1177/016502549201500103
- Sugiyanto, E. Y. (2011). The effects of peer attachment on delinquent behavior: A meta-analysis study. *Anima, Indonesian Psychological Journal*, 26(2), 118-127.

- Tjaden, P., & Thoennes, N. (1998). Prevalence, incidence, and consequences of violence against women: Findings from the national violence against women survey. *National Institute of Justice and Centers for Disease Control and Prevention Research in Brief*. Washington, DC: United States Department of Justice, Office of Justice Programs, NCJ 172837.
- Tornberry, T. P., & Krohn, M. D. (2004). O desenvolvimento da delinquência: Uma perspectiva interaccionista. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento Anti-Social e Crime: Da Infância à Idade Adulta* (pp. 133-160). Coimbra: Almedina.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., & Emde, R. N. (1997). Representations of self and other in narratives of neglected, physically abused, and sexually abused preschoolers. *Development and Psychopathology*, 9(4), 781-796. doi:10.1017/S0954579497001430
- Traupmann, J., & Hatfield, E. (1981). Love and its effects on mental and physical health. In R. Fogel, E. Hatfield, S. Kiesler, & E. Shanas (Eds.), *Aging: Stability and Change in the Family* (pp. 253-274). New York: Academic Press.
- Turner, D., Finkelhor, D., & Ormord, R. (2010). Poly-victimization in a sample of children and youth. *American Journal of Preventive Medicine*, 38(3), 323-330. doi:10.1016/j.amepre.2009.11.012
- Turner, D., Finkelhor, D., & Hamby, S. (2012). Let's prevent peer victimization, not just bullying. *Child Abuse & Neglect*, 36, 271-274. doi:10.1016/j.chiabu.2011.12.001
- Van Ijzendoorn, M. H., Shuengel, C., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1999). Disorganized attachment in early childhood: Meta-analysis of precursors, concomitants, and sequelae. *Development and Psychopathology*, 11, 225-249. Disponível em https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/1530/168_212.pdf?sequence=1
- Van Ijzendoorn, M. H. (2002). Vinculação, moralidade emergente e agressão: Para um modelo socioemocional e desenvolvimental do comportamento antisocial. In A. C. Fonseca (Eds.), *Comportamento Antissocial e Família: Uma Abordagem Científica* (pp. 269-300). Coimbra: Almedina.
- Vicedo, M. (2009). Mothers, machines, and morals: Harry Harlow's work on primate love from lab to legend. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 45(3), 193-218. doi:10.1002/jhbs.20378

- Ward, T., Hudson, S. M., Marshall, W. L., & Siegert, R. (1995). Attachment style and intimacy deficits in sexual offenders: A theoretical framework. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 7(4), 317-335. doi:10.1177/107906329500700407
- Warr, M. (1993). Parents, peers, and delinquency. *Social Forces*, 71(1), 247-264.
- Wasserman, G. A., Keenan, K., Tremblay, R. E., Coie, J. D., Herrenkohl, T. I., Loeber, R., & Petechuk, D. (2003). Risk and protective factors of child delinquency. *Child Delinquency: Bulletin Series*. Office of Juvenile and Delinquency Prevention, U.S. Department of Justice.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71, 164-172. doi:10.1111/1467-8624.00130
- Weaver, S. E., & Ganong, L. H. (2004). The factor structure of the Romantic Beliefs Scale for African Americans and European Americans. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(2), 171-185. doi:10.1177/0265407504041373
- Welch, R. D., & Houser, M. E. (2010). Extending the four-category model of adult attachment: An interpersonal model of friendship attachment. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(3), 351-366. doi:10.1177/0265407509349632
- West, M., Rose, M. S., Spreng, S., Sheldon-Keller, A., & Adam, K. (1998). Adolescent Attachment Questionnaire: A brief assessment of attachment in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 27(5), 661-673. doi:10.1023/A:1022891225542
- Wilkinson, R. B. (2010). Best friend attachment versus peer attachment in the prediction of adolescent psychological adjustment. *Journal of Adolescence*, 33, 709-717. doi:10.1016/j.adolescence.2009.10.013
- Wilson, S. L. (2001). Attachment disorders: Review and current status. *The Journal of Psychology*, 135(1), 37-51. doi:10.1080/00223980109603678
- Zhang, L., Welte, J. W., & Wieczorek, W. F. (2001). Deviant lifestyle and crime victimization. *Journal of Criminal Justice*, 29, 133-143. doi:10.1016/S0047-2352(00)00089-1
- Zayas, V., Mischel, W., Shoda, Y., & Aber, J. L. (2011). Roots of adult attachment: Maternal caregiving at 18 months predicts adult peer and partner attachment. *Social Psychological and Personality Science*, 2(3), 289-297. doi:10.1177/1948550610389822